

aCarta: Edição especial

Publicação da Associação Campinense de Psicanálise

A formação do analista: Freud explica, Lacan complica?



Associação
Campinense
de Psicanálise

2022

Dedicamos esta edição especial d'aCarta/2022 a todos os analistas que, durante estes dois longos anos de distanciamento social, persistiram na lida do campo da psicanálise, testemunhando que o desejo que não cede se prova legítimo.

Gostaríamos também de deixar registrado, nesta edição especial, nosso profundo pesar pelos quase 700.000 brasileiros que a Covid-19 levou do convívio de amigos e familiares.

SUMÁRIO

aCARTA - EDIÇÃO ESPECIAL:

A FORMAÇÃO DO ANALISTA – FREUD EXPLICA, LACAN COMPLICA?

APRESENTAÇÃO

Regina Steffen Pág. 5

aCARTA/21 - COMO SE FORMA UM ANALISTA?

EDITORIAL

Regina Steffen Pág. 10

A ESCOLA E AS DIFERENÇAS ENTRE FORMAÇÃO PSICANALÍTICA E UNIVERSITÁRIA

Lucia Bertazzoli Pág. 16

OS TRÊS EIXOS DA FORMAÇÃO DO ANALISTA

Regina Steffen Pág. 21

DOIS DITOS LACANIANOS: SEUS USOS E ABUSOS

Regina Moran Pág. 27

PASSE-SOBRE O PERTENCIMENTO

Patrícia Possato Pág. 33

FIM DA ANÁLISE

Walkiria Grant Pág. 36

SOBRE MEUS PASSOS

Simone Teller Camargo Pág. 40

SUMÁRIO

aCARTA/22 - FREUD EXPLICA... LACAN COMPLICA?

EDITORIAL

Regina Steffen Pág. 46

FREUD EXPLICA?

Regina Steffen Pág. 50

POR QUE FREUD, A PSICANÁLISE, AINDA HOJE?

Simone Teller Camargo Pág. 53

LACAN COMPLICA?

Lucia Bertazzoli Pág. 58

UMA INTRODUÇÃO A LACAN VIA ESCRITOS.

Regina Moran..... Pág. 63

PSICANÁLISE LACANIANA: UMA ENTRE OUTRAS?

Regina Moran..... Pág. 73

APRESENTAÇÃO

Esta Edição Especial d'aCarta reúne as edições do ano de 2021 e 2022 numa edição impressa para marcar o retorno das atividades de estudo presenciais depois dos dois últimos anos em que estivemos operando exclusivamente à distância, por meio de vídeos-chamadas, devido à pandemia de Covid-19.

O universo digital foi um recurso muito bem-vindo durante o distanciamento social exigido pela crise sanitária que atravessamos.

Agora, com a melhora dos índices de transmissão da doença devido ao avanço da vacinação, torna-se possível o retorno ao modo anterior de estudo e da clínica da psicanálise.

Nossa tendência é considerar que, uma vez implementada uma novidade, voltar ao modo antigo seria uma indesejável atitude reacionária. Todavia, cumpre observar que a psicanálise opera apoiada no vínculo transferencial que se sustenta na fala, no endereçamento ao outro das questões que desacomodam o sujeito, seja em sua vida cotidiana, seja no próprio estudo da teoria. Nesse vínculo a presença desempenha papel preponderante.

A relevância da presença no que diz respeito à psicanálise não havia sido observada, pois nunca essa prática havia sido encaminhada à distância de modo tão maciço.

Quando todos os atendimentos clínicos tiveram que migrar para o digital, não houve analista que não tivesse notado a brutal diferença. A concentração necessária para a chamada “escuta flutuante”, uma espécie de escuta distraída que em si nada tem de distraída, exige a presença massiva do analista.

O ambiente digital, justamente pela especificidade do que nele é a presença, passou a requerer do analista um esforço redobrado para estar presente mesmo que fisicamente ausente. Desafio exigente, uma vez

que o analista, na sessão de análise, ocupa um lugar simbólico inusitado para os demais vínculos sociais. Ele deve ocupar o lugar do objeto do desejo, objeto cuja condição é não ter substância, lugar vazio que convoca o desejo do analisante e mantém a análise em andamento. Estar em posição de simulacro do objeto do desejo (objeto ausente) exige a presença física do analista, tornando-se muito difícil sustentar seu lugar quando sua própria presença é apenas digital, que é uma forma de estar lá sem estar.

Do lado do analisante, a presença digital também implica consequências em seu processo de análise. Cada sessão representa um enfrentamento com o inconsciente. Fazer isso indo ao encontro de seu analista em seu consultório, quer dizer, locomovendo-se até lá para falar de modo livre aparentemente, mas em presença de alguém a postos para intervir em pontos insuspeitos desse falatório, expondo aquilo que sempre foi posto de lado, constitui uma situação na qual está em jogo um esforço para suportar esse encontro. Na internet tudo isso acontece, mas o impacto da presença do outro dilui-se no ambiente asséptico da tela do computador. O analisante está lá, o analista também, mas eles não estão em carne e osso, o que neutraliza bastante o caráter perturbador do encontro.

Para os estudos, questões similares estão igualmente em jogo. A presença física dos colegas e do coordenador da atividade, convoca cada um dos envolvidos a uma presença muito mais exigente, cuja consequência é o estabelecimento de um vínculo transferencial mais consistente e um consequente envolvimento do participante muito mais produtivo de que se aquilo for apenas mais uma de tantas *lives* em que cada participante é mais um de muitos, cada um em seu quadrado, isso quando, e se, as câmeras estiverem abertas. Sair do conforto do quadrado, dirigir-se até a instituição, esbarrar-se com os outros, emitir um comentário na presença de todos, enfim, encarar as dificuldades para encaminhar seu desejo de estudar psicanálise, produz resultados mais sólidos do que aqueles nos quais as exigências do desejo ficam anuladas como se desejar não fosse trabalhoso, arriscado e desafiador.

Estas são apenas considerações iniciais sobre a importância do encontro presencial. O tema está inteiro por ser explorado e à espera de uma elaboração teórica que lhe dê sustentação, constituindo questão que não pode ser ignorada.

A exigência da presença física para o adequado encaminhamento da psicanálise em *intensão* e em *extensão*, nos leva a pensar as questões da formação do analista, bem como a especificidade do estudo da obra de Freud, a cujo retorno, Lacan nos convoca.

Daí os temas das duas edições d'aCarta. Sua forma impressa, igualmente remete às questões do registro concreto da escrita desses temas *versus* o efêmero do ambiente digital.

Damos nossas boas-vindas aos que aqui retornam e desejamos a todos uma muito proveitosa nova jornada de estudos. Boa leitura.

Regina Steffen
Campinas, maio/2022

aCarta 2021

COMO SE FORMA UM ANALISTA?

EDITORIAL

COMO SE FORMA UM ANALISTA?

Regina Steffen

Na abertura das atividades de estudo do ano de 2021, a ACP promoveu uma Mesa Redonda na qual os Analistas da ACP debateram o tema da Formação do Analista com os Analistas Praticantes que, aqui em nossa instituição, são analistas em diferentes momentos de sua formação analítica.

A formação do analista tem particularidades que a diferem de qualquer outra formação profissional. Normalmente os interessados em psicanálise desconhecem essa especificidade.

Aqueles que procuram a ACP para estudar psicanálise, são em sua maioria, recém-formados em psicologia ou profissionais das mais variadas áreas do saber. Quase sempre estão interessados em tornar-se analistas, ou muitas vezes já se declaram analistas formados, com certificado e carteirinha fornecidos por cursinhos de formação que proliferam atualmente, demandando nesses casos, associar-se à ACP para receber indicação de pacientes e, talvez, a chancela de uma instituição psicanalítica para a clínica que já exercem. A psicanálise com a qual tiveram contato é, via de regra, superficial, resumida, quase caricata.

É natural que uma faculdade de psicologia apresente diferentes teorias sobre o psiquismo humano e a psicanálise entra aí como mais uma “linha” teórico-clínica dentre tantas. Não é função de nenhuma faculdade de psicologia formar analistas, e o psicólogo tem que conhecer, em sua graduação, tudo quanto já foi proposto em sua área de atuação. É dever da faculdade de psicologia, apresentar o quadro amplo das possibilidades de tratamento psicológico, sem formar especialistas em nenhuma das áreas ali apresentadas. Cabe ao futuro profissional escolher a área para se aprimorar.

Egressos das faculdades de psicologia e dos cursos de “formação em psicanálise”, via de regra confundem a clínica da psicanálise com uma psicoterapia. Julgam, então, que se estudarem um pouco mais de psicanálise, aprimorarão sua atuação psicoterápica.

A clínica da psicanálise não é uma psicoterapia, pois não visa curar. Ela não é uma terapia do psiquismo e sim, uma análise das partes componentes da estrutura psíquica. Trata-se de análise que decompõe (como na análise química) e reestrutura o psiquismo. A psicanálise se propõe analisar a estrutura psíquica subjetiva, partindo da queixa sintomática do analisante, para promover uma mudança estrutural na subjetividade, uma ressubjetivação que corresponde a uma mudança da posição subjetiva de forma que o sintoma, até então necessário como uma resposta possível daquele sujeito a um conflito interno, se torne desnecessário. A cura, então, quando acontece, se dá por acréscimo e não como a restituição do estado de saúde anterior. Para a psicanálise, o sintoma sequer é entendido como o são as patologias na psicologia, herdeira da visão médica de doença. Para a psicanálise, normal e patológico não são polos opostos na linha da saúde.

A depender do campo epistêmico (médico ou psicanalítico) no qual o sintoma é tomado, clínicas diferentes se estabelecem, de tal forma, que fazer uma análise não é a mesma coisa que fazer uma terapia de orientação analítica, pois o manejo clínico da psicanálise é diferente daquele das psicoterapias. Uma análise é o que um psicanalista faz, ao passo que uma psicoterapia é obra de um terapeuta. E isso não é meramente tautológico.

Psicanalista e psicoterapeuta são clínicos formados de modos distintos. O roteiro que ambos têm que seguir na formação é o mesmo: passar pelo processo clínico, estudar determinada teoria para capacitar-se para o exercício técnico e submeter sua atuação clínica à supervisão de um profissional mais experiente. Se esses três eixos roteirizam a formação do terapeuta, tanto quanto a do analista, onde reside a diferença que, ao final, terá produzido clínicas radicalmente tão diversas? A diferença está no tipo de formação: acadêmica e a analítica. A formação acadêmica forma todo e qualquer profissional (aí incluído o terapeuta), ao passo que a formação do analista, específica da análise,

funda esse novo campo epistêmico. Foi Freud quem fundou a psicanálise como um campo específico no tratamento de sintomas até então tratados, sem sucesso, pela neurologia. A psicanálise se dedicará a tratar o refugo, o rebotinho, aquilo que a medicina desprezava por considerar sem sentido, sem valor. Freud recolhe esse resto que, justamente, é um resto da constituição do sujeito cartesiano, o sujeito moderno que inaugura a ciência a partir de Descartes.

Para se estabelecer como ser pelo pensamento, a operação cartesiana que trouxe à luz o sujeito que se sabe ser (penso, logo existo), precisou deixar de fora, como um resto do cálculo, a verdade relegada ao Deus que a garante, verdade que o sujeito desconhece, que não lhe diz respeito, da qual seu saber está apartado. Da divisão do saber e da verdade que não se sabe (*Unbewusst, o inconsciente*), nasce o sujeito moderno. A ele cabe saber e sua ciência o conduzirá à verdade que não lhe pertence, que não lhe diz respeito. A ciência é o meio de desvendar a verdade das leis da natureza, que não dependem do sujeito sempre rigorosamente fora de seu objeto. Não perguntemos quem estabeleceu tais leis porque a resposta a essa pergunta nos conduzirá inevitavelmente à constrangedora ideia de um Deus Garantidor das verdades eternas. O objetivo ignorado da ciência tem a dimensão prometeica de conquistar das mãos desse Deus, cada vez mais, um pedaço da verdade das leis naturais, objeto que, sem o saber, a ciência depositou Nele. A divisão que sustenta a ciência entre sujeito que sabe e objeto a ser sabido está fundamentada na divisão subjetiva descoberta por Freud e denominada “inconsciente” (*Unbewusst*). O sujeito humano é dividido entre o que ele sabe ser (consciente) e o desconhecido, o inconsciente, esse outro palco da subjetividade, que guarda a verdade daquilo que o sujeito nada sabe, daquilo que ele não reconhece como seu, daquilo que ele considera um Outro absolutamente estrangeiro.

A fundação do sujeito cartesiano permitiu o florescimento da ciência moderna. As universidades floresceram e o modo acadêmico de transmissão do conhecimento se tornou o modelo da formação profissional.

Freud entra em cena no final do século XIX, trezentos anos depois do nascimento do sujeito moderno, recolhendo os sintomas que se

avolumavam na forma do retorno do recalçado, retorno daquilo que ficou de fora da subjetividade e que a ciência professa como pertencente ao objeto externo, do qual o sujeito está excluído no fazer científico. Aquilo que é externo ao sujeito, aquilo que é da ordem da verdade das coisas, aquilo que é objeto e não sujeito, volta na vida do sujeito na forma de incômodo, sofrimento, sintoma. É neste campo que o psicanalista vai operar. O psicanalista opera num campo no qual objeto e sujeito são elementos de uma mesma estrutura. Diferentemente do objeto da ciência, na psicanálise, o objeto é causa da divisão constitutiva do sujeito. Aqui, o objeto tem tudo a ver com o sujeito, e seu manejo implica necessariamente a subjetividade. Como formar um psicanalista nos moldes acadêmicos, então? A academia é a casa da ciência. Os profissionais são aqueles que aí são treinados para conhecer e praticar as diferentes profissões. Freud dizia haver três profissões impossíveis: governar, ensinar e psicanalisar. Impossíveis de serem transmitidas a contento pela academia; profissões impossíveis pois é impossível formar esses profissionais. Não se pode ensinar a ensinar, a governar, nem a psicanalisar. Essas não são profissões. Elas são ofícios. Ofícios são parentes próximos das artes. A psicanálise não se ensina, ela se transmite.

Será Lacan quem irá chamar a atenção para essa dimensão da psicanálise. Seu aparecimento no cenário psicanalítico se deu pela denúncia que ele foi levado a fazer dos desvios que a psicanálise havia tomado, em meados do século XX. A psicanálise praticada então, estava sequestrada por uma espécie de burocracia, quase acadêmica, que lhe tirava o valor de subversão que havia sido revelado por Freud. Perderam-se, com isso, o caráter disruptivo da psicanálise, agora transformada numa “psicologia do ego”. Sua proposta é, então, proceder a um “retorno a Freud”, um retorno à essência da psicanálise.

A própria formação do analista será revista nesse retorno. Ela havia pouco a pouco se tornado acadêmica. Professava-se uma análise didática diferente da análise pessoal. Esse caráter didático inseria o mestre universitário no consultório. Ali não se fazia mais análise pura e simples, mas análise didática. Entra em cena o didatismo daquele que sabe e que ensina aquele que não sabe. Este é pressuposto correto da universidade, porém não se aplica ao analisante. Como partir do princípio que ele não sabe? Se o saber da verdade não é sabido do

sujeito, sendo dele desconhecido (*Unbewusst*), quem sabe? O analista? Neste caso, o analista seria tomado como o mestre universitário e a análise se tornaria didática.

Lacan dirá: não há dois tipos de análise. A análise é só, e sempre, pessoal. E mais: toda análise, se lavada a cabo adequadamente, sempre forma um analista. Isso não quer dizer que ao final de toda análise, o sujeito vai sempre escolher trabalhar como psicanalista. Mas, toda análise levada até seu fim, produz a transformação na estrutura desejante necessária para a condução adequada de uma experiência de análise. O sujeito é convocado como responsável em sua (trans)formação. Ele não é o aluno passivo a ser adestrado pelo mestre. É de um ato subjetivo que a estrutura depende para se transformar. Formar-se analista é ato de transformação subjetiva que habilita o analisante a saber fazer com a verdade até então desconhecida e a que agora, pela análise, ele reconhece como sua. Esse é o ofício da análise que não se ensina, mas que se transmite por um saber-fazer que o analisante inventa num ato da passagem (de analisante a analista). Analista é o próprio analisante nesse ato de passagem, ato de ultrapassagem. O analista é a transformação subjetiva em ato. Nada há de didático, acadêmico, nesse processo. Nenhuma formação acadêmica opera dessa forma.

Nos textos a seguir, os analistas da ACP apresentarão algumas considerações sobre os principais aspectos da formação do analista. Quais operadores conceituais sustentam sua especificidade?

Lúcia Bertazzoli (analista da ACP) abordará a diferença entre o conceito de Escola e Universidade, para situar a diferença do ensino universitário frente ao ensino característico da formação analítica.

Regina Steffen (analista da ACP) tratará de esmiuçar os três eixos que sustentam a formação do analista (análise pessoal, estudo e supervisão), considerando a dimensão na qual eles operam na transmissão da psicanálise.

Regina Moran (analista da ACP) dará destaque para a diferença entre o desejo de ser analista e o conceito lacaniano denominado Desejo do Analista.

Desse conceito, identificado por Lacan na transformação da estrutura desejante do sujeito ao final de sua análise, nasce o aforismo lacaniano: “O analista autoriza-se por si mesmo... e por alguns outros”, fonte de tantos equívocos, especialmente quando se ignora o final da frase.

Patrícia Possato (analista da ACP) fará algumas considerações sobre o mecanismo do Passe instituído por Lacan para que esses “outros”, aos quais o aforismo faz menção, testemunhem a passagem havida na (trans)formação ao final da análise.

Walkíria Grant (analista da ACP) apresentará um texto no qual dá um testemunho de seu final de análise, um tocante exemplo de uma (trans)formação que uma análise conduz na subjetividade, indo do desconhecido que é impasse ao saber fazer com isso que liberta.

Simone Teller (analista praticante da ACP) fará uma reflexão sobre a formação do analista a partir de uma análise de seu percurso como analista em formação na ACP, destacando a diferença entre a formação que se oferece e aquela que o sujeito demanda no tempo de uma formação já, então, em curso.

Março de 2021

A ESCOLA E AS DIFERENÇAS ENTRE FORMAÇÃO PSICANALÍTICA E UNIVERSITÁRIA

Lucia B. Bertazzoli

É muito bom ver vocês aqui hoje e atestar que a Causa Psicanalítica está a todo vapor: passados quase 120 anos da primeira proposta de formação do analista, feita por Freud, estamos ainda refletindo sobre isso, e nos encontramos aqui hoje, neste encontro virtual, no meio de uma pandemia severa, para falarmos do que se trata quando mencionamos a formação do analista.

Vamos refletir sobre a especificidade dessa formação tendo em mente questionarmos qual é o nosso papel na causa analítica, qual o nosso posicionamento frente à psicanálise: que lugar queremos ocupar nela?

O ser do psicanalista

O *ser* do analista habita a pessoa do analista, mas não se confunde com ela, então, de onde ele vem, como se constitui, como se forma, ou, como se trans-forma? Transformar, do latim, prefixo “*trans*”: *para além...*, *através de...*

A Universidade

Em psicanálise usamos o termo “formação” em um sentido outro que o comumente entendido na formação universitária. No mundo acadêmico como o entendemos hoje, a escolha profissional, mobilizada por elementos identificatórios da ordem do sintoma, conduz a uma formação acadêmica cujo percurso pré-determinado por mestres, autoriza, ao seu final, a prática de um aprendizado. “Estou formado”, “Em que você se formou?” E perguntamos: “*fazer engenharia garante que haja ali um engenheiro?*”

Da mesma forma, na Escola de Freud, a que hoje conhecemos como IPA – Associação Internacional de Psicanálise, o que forma um analista e o autoriza a praticar a psicanálise como profissão é um percurso de estudos, de análise didática e de supervisão que, atestado por um psicanalista designado (odidata), referenda a escolha do

candidato. Segue nos moldes do ensino universitário onde o aluno escolhe previamente que profissão quer exercer e se capacita para ela. E perguntamos: *“seguir as regras da padronização mundial da IPA garante que haja aí um analista?”*

Não se trata disso a formação psicanalítica lacaniana, aquela que ocorre dentro dos muros de uma instituição, como é o caso da ACP; falamos em formação do psicanalista a partir da transmissão. Transmissão da psicanálise. Transmissão, palavra que vem do latim, *transportar, transferir, transpor, trans: para além..., através de...*

E perguntamos: *“transmissão de conhecimento ou de saber?”*

Faço aqui um parêntese para resgatar, com Forbes (1992), as ideias em torno do tema Escola, considerando-a como um pensamento: Escola nos remete às Escolas da Grécia Antiga, com um mestre como referência, a Escola de Pitágoras, de Sócrates; à Universidade nos referimos por seus lugares, Universidade de Bolonha, de Paris. Na universidade há a licença para entrar, aprender, ensinar e encerrar o estudo como numa caixa estanque. Na Escola não existe uma licença possível, para um psicanalista não existe um diploma possível, a formação do analista é permanente. Na universidade busca-se uma técnica, um saber fazer. A Escola não ensina como fazer, porém, se preocupa com o *“savoir-y-faire”*, que é o *“saber viver”* com o real que nos impacta. A universidade busca a união, o uno, o todo, forcluindo o Real. A Escola, acolhendo o Real, dá lugar à diversidade, à diversão, permite a di-versão, privilegiando a relação com o saber. Na Escola a transmissão é feita com a transferência, ela não esconde o sujeito e, sim, o nomeia. A universidade o uniformiza. A universidade é uma realização do *“mal-estar na civilização”*, a Escola é um refúgio a ele.

E perguntamos: *por que estar em uma Escola?*

A Escola de Freud

Desde muito cedo, Freud preocupou-se em proteger a psicanálise da civilização, em constituí-la como uma Escola de pensamento independente de outras disciplinas. Já em 1902 cria a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, constituída preferencialmente por membros não médicos, esperando com isso que ela permanecesse em

seu próprio campo, que não se tornasse propriedade de qualquer outro saber, especialmente da medicina e da psiquiatria. Ele criava a Escola Psicanalítica e preocupava-se desde então com a questão da formação dos analistas, determinando que a análise pessoal era recomendável para quem quisesse ouvir pacientes. Esse grupo deu início ao que seria, anos mais tarde, a IPA.

Lacan pertenceu à ela e dela tornou-se dissidente na década de 50, criticando seus fundamentos e apontando para o que seria um esquecimento, um desvio dos ensinamentos freudianos. Propõe recolocar a psicanálise no caminho freudiano a partir de uma volta aos ensinamentos primordiais de Freud, propõe o retorno à Freud.

A Escola de Lacan

Lacan entendia que o analista deveria estar entre seus pares e que para eles desse provas de sua competência e de seu envolvimento com a causa analítica. Ao romper com a IPA, propõe a Escola como o lugar privilegiado de reconhecimento e com a dupla função de assegurar a manutenção da Psicanálise e formar analistas.

Lacan fundou a Escola Freudiana de Paris em 1964, e três anos depois, em 9 de outubro de 1967, apresentou sua *Proposição sobre o psicanalista da Escola* (LACAN, 2003), de onde separamos aqui algumas reflexões sobre seus principais pontos ressaltando que, decorridos mais de 50 anos, muito já foi questionado e dito sobre isso e, no entanto, nada de novo surgiu; suas proposições prevalecem nas inúmeras Escolas disseminadas mundo afora, com algumas modificações singulares a cada uma delas, ainda que continuem a ser questionadas.

- Haveria um primeiro psicanalista que faz Escola e abre a série dos que o seguem, analistas que devem dar provas de que são de sua Escola e são por ela reconhecidos. São os analistas da Escola.

- A Escola autoriza um psicanalista por sua formação e responde por ela, é lugar de transmissão, lugar de transferência de trabalho (analítico), que se opõe ao amor de transferência: atesta a passagem do trabalho alienado ao Outro do início da análise ao trabalho que o desejo de saber produz, ao fim da análise, o desejo do analista. Lacan (2003) diz: “*A transmissão da psicanálise ocorre na transferência e seu ensino*

só é transmissível pelas vias de uma transferência de trabalho.” Em uma Escola, há a transferência de trabalho entre seus membros a partir do estudo, da supervisão e da discussão de casos pela interrogação possível que estes espaços engendram no analista em formação. Tendo ao lado a análise pessoal, longe de ser um estudo baseado nas identificações imaginárias das formações de grupo visando o entendimento, a Escola propõe uma constante interrogação da posição subjetiva frente à psicanálise e seus propósitos. É o desejo de analista posto à prova permanentemente e em tempo integral.

- “*O analista só se autoriza de si mesmo - isso não exclui que um psicanalista depende de sua formação*”: este princípio rompe com o modelo tradicional da IPA, em três pontos: uma análise didática não produz necessariamente um analista; uma análise não é didática por ter sido operada por um didata; um analista não se autoriza pelo seu psicanalista. (LEITE, 1992).

Um analista autorizar-se de si mesmo exclui o analista didata, o que não significa que uma análise não seja didática. Ela o é porque ao seu fim há a “passagem do psicanalisante ao psicanalista”. O sujeito ao fim da análise é outro. Para Lacan, psicanalista é o que se produz numa Psicanálise mediante uma passagem. É a transmissão psicanalítica onde ela deve acontecer... no divã, e que trans-forma o sujeito, joga-o para-além, para a sua relação com um saber que o ultrapassa, ou seja, algo que existe sem que ele o saiba, um saber que só aparece no engano do sujeito. *Saber, não conhecimento.*

Leite (1992) conclui: “*se o psicanalista é o que uma Psicanálise produz mediante uma passagem, não se pode verificar um psicanalista, mas somente psicanálises.*” Lacan propõe o *passe* como o dispositivo que atesta duplamente o momento que o psicanalisante em sua análise vira psicanalista e, também, o procedimento institucional que verifica essa passagem.

Mais tarde, após o congresso de 1978 da Escola Freudiana de Paris cujo tema era “A transmissão”, Lacan conclui que a psicanálise é intransmissível e que cada analista é forçado a reinventá-la pelo *passe*.

Referências Bibliográficas:

FORBES, J. *A Escola de Lacan: A Formação do Psicanalista e a Transmissão da Psicanálise*. Campinas: Papirus, 1992.

LACAN, J. *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola*. In Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LEITE, M. P. S. *As propostas da proposição*. In Jorge Forbes (org), *A Escola de Lacan: A Formação do Psicanalista e a Transmissão da Psicanálise*. Campinas: Papirus, 1992.

OS TRÊS EIXOS DA FORMAÇÃO DO ANALISTA

Regina Steffen

Lacan surge na cena da psicanálise através das duras críticas que faz à clínica psicanalítica praticada em meados do século passado. Essa clínica desvirtuada decorria de um entendimento teórico deturpado da descoberta freudiana, questão que implica de perto a formação do analista.

A acusação que ele faz aos pós-freudianos é de terem gradualmente anulado a virulência do inconsciente, domesticando o desejo na forma de uma vontade perfeitamente realizável.

O caráter disruptível do desejo inconsciente se esvai pela ação de um ego forte capaz de dominá-lo. Uma vez atingido o desenvolvimento pleno da fase genital, o amor oblato garantiria a fusão dos amantes. Não encontrar esse paraíso perdido seria sina do neurótico, cujo impedimento se deveria ao caráter doentio do recalque. Mas, esse mal-estar poderia ser revertido pela análise conduzida por um analista formado na burocracia da análise didática, capaz de transformar o analista num modelo ideal a ser oferecido para a identificação do paciente.

A psicanálise, cuja descoberta reside na subversão do sujeito da consciência, havia se transformado numa “psicologia do ego”, cujo objetivo era fortalecer as defesas do ego para que o lixo jogado no inconsciente não desse mais as caras. Tratava-se de fechar bem a lixeira, dominar o id e fortalecer o ego.

É diante de um tal cenário que Lacan vai propor seu famoso “retorno a Freud”, retorno aos textos de Freud - que naquela ocasião já nem eram mais lidos - a fim de recuperar a essência da descoberta freudiana. Essa volta aos textos originais dará início ao ensino lacaniano que se estendeu por mais de 30 anos, sem nunca ter abandonado esse objetivo. Não se tratava de considerar o texto de Freud como um texto sagrado a ser repetido com subserviência religiosa, mas de fazer uma volta completa até a recuperação da origem subversiva da psicanálise e

isso contando com todos os recursos aos quais Lacan tinha acesso em seu tempo, que já não era mais tempo de Freud. Outros saberes estavam em cena agora. Freud havia inaugurado um saber específico sobre a subjetividade. Tratava-se, então, para Lacan, de recolocá-lo em seu lugar único, sem confundi-lo com a psicologia, a medicina, a filosofia, as ciências sociais...

No coração dessa odisseia está a questão da transmissão da psicanálise. Transmitir a psicanálise implica tanto o ensino teórico quanto a formação do analista. Como se ensina psicanálise? Como se forma um novo analista?

Em todas as formações acadêmicas, se o aluno cumprir o programa de estudos, ao final de um prazo definido de antemão, ele estará formado. Ao final do curso o aluno terá acumulado suficiente conhecimento em determinada área do saber e terá aprendido a desempenhar uma técnica específica que outros mais experientes lhe ensinaram. Seu diploma o autorizará a praticar sua profissão.

Nada disso é válido para a formação do analista. Muito embora a psicanálise possa ser transmitida como um conhecimento acadêmico, isso não forma um analista, cuja autorização nunca é dada por um diploma ou um certificado. Não se certifica um analista por ele ter cumprido algum programa de estudo, ter feito certo tempo de análise e outro tanto de supervisão. A formação do analista não se resolve pelo cumprimento de um programa acadêmico.

Em seu retorno a Freud, Lacan traçará as linhas mestras dessa formação: análise pessoal, estudo teórico e supervisão da prática clínica.

Quanto à análise, Lacan vai postular que ela não se divide em didática e pessoal. Ela é sempre **análise pessoal** que, levada a cabo, se verifica didática, o que não significa que ela sempre produza um analista voltado à prática clínica, mas ao final de qualquer análise pessoal, está-se em presença de uma estrutura de desejo transformada, o que Lacan chamou de “Desejo de Analista”. Não se trata de desejo de ser analista, de trabalhar com isso. A denominação “desejo de analista”

indica que o desejo teve sua estrutura neurótica alterada para uma outra, só alcançada pela via da análise. É esse tipo de estrutura desejante que possibilita a escuta capaz de conduzir a análise de outro sujeito (o analisante) de modo a levá-lo a essa transformação desejante. Tornar-se analista é ato do analisante passando a analista. Ninguém, senão ele próprio, responde por esse ato inconsciente, do qual tampouco sua consciência é senhora. Daí a afirmação lacaniana: “o analista só se autoriza por si mesmo... e por alguns outros.” Isso implica que essa autorização não lhe vem de um diploma ou certificado. Ninguém tem legitimidade para decidir quem é ou não analista. No entanto, isso não caracteriza uma terra de ninguém. O que autoriza o trabalho do analista é primeiramente sua própria análise, cuja eficiência se prova em sua clínica. É seu trabalho que atesta e autoriza o analista. Autorizar-se por si mesmo é autorizar-se por seu trabalho, por sua clínica, por aquilo que está dado em seus analisantes. Em segundo lugar, o analista se autoriza pelo reconhecimento de seus pares, daqueles poucos com os quais ele convive no âmbito das instituições de psicanálise. Ou seja, não basta que ele se declare analista ou que julgue seu trabalho analítico, se isso não for reconhecido pelos pares. Um Napoleão que não é reconhecido pelos outros, não passa de um Napoleão de hospício.

Além da análise pessoal levada a esse grau de precisão, a formação do analista depende de uma sólida e consistente formação teórica, não como acúmulo de conhecimento, mas como reformulação de seu modo de pensar. **O ensino** de Lacan é formador do analista na mesma medida que a análise pessoal, uma vez que seu ensino é feito para reformular o modo de pensar, correspondendo, na dimensão da teoria, à transformação da estrutura desejante que a análise produz. Aqui, trata-se de abalar a cegueira intuitiva, convocando à volta por trás da estrutura, lá onde habita a lógica que sustenta a dimensão simbólica, onde a fala é som que se equivoca, duplo sentido, tropeço, enrugamento da palavra, criação de novo significante. Há que se testar sem fim a capacidade do analista de estar alerta para o novo, para o avesso do aparente. No que diz respeito à dimensão teórica, a formação é exercício contínuo, não acaba, não tem fim, uma vez que o estudo se faz no endereçamento ao outro, levado a cabo na transferência de trabalho. Ninguém é analista de uma vez por todas. Ser analista é ato a ser renovado a cada vez. O estudo constitui a transmissão continuada.

A reforma do entendimento que Lacan visa em seu ensino tem a finalidade de habilitar a escuta do analista na lógica em operação no inconsciente para que seu mais além possa ser alcançado. Projeto ambicioso, que dá a verdadeira medida do manejo que está em jogo na clínica psicanalítica: uma clínica da fala que precisa ultrapassar os limites da lógica em ação na consciência. A lógica que comanda nossa fala consciente é a lógica formal aristotélica. Lógica de forte caráter intuitivo, apoiada na estrutura gramatical das frases, que convoca o sentido como eixo da comunicação. Seu exemplo clássico:

Todos os homens são mortais.

Sócrates é homem.

Logo, Sócrates é mortal.

Posicionado no registro consciente, o analista precisa ser capaz de escutar e intervir a partir da lógica em operação no inconsciente. Aqui não existe a gramática e a lógica que melhor lhe cabe é a lógica moderna, contra intuitiva, lógica matemática, feita de letras. Seu exemplo clássico:

$E = mc^2$.

A lógica da consciência serve à comunicação que se dá pelo intercâmbio do sentido. Ela sustenta as trocas intersubjetivas. Já a psicanálise é técnica **intrassubjetiva**. Na clínica analítica não se tem dois sujeitos interagindo. O analista ali, se bem posicionado, não conta como sujeito. O único sujeito em questão é o sujeito do inconsciente. Ele tampouco é a pessoa do analisante. O sujeito do inconsciente é o espaço que se abre entre o que se fala e o que se escuta, ele é corte, buraco onde a fala, ecoando, produz o novo. A lógica em operação no ato analítico inventa um sentido outro que permite escutar aquilo que no dito ficou esquecido por trás do que foi ouvido.

Esse trabalho de (trans)formação que o ensino promove, convoca a subjetividade inconsciente do mesmo modo que a análise. Aprender psicanálise não é acumular conhecimento. Trata-se de construir um saber. A pessoa acumula conhecimento, o sujeito do inconsciente inventa o saber em ato.

O fato de a formação analítica não se dar por via acadêmica, não significa que a formação acadêmica lhe seja inútil. Pelo contrário, quanto maior a formação acadêmica, mais ampla a perspectiva pela qual a subjetividade se expressa. Freud recomendava uma sólida formação literária, filosófica. Lacan, por sua vez nos lega a inegável evidência de que quanto maior o alcance do conhecimento, mais ferramentas o sujeito tem para a reconstrução teórica que de cada analista é esperada. A análise pessoal transforma a estrutura desejante de modo a instrumentalizar a escuta clínica que será guiada pela teoria a ser reinventada. Análise pessoal e estudo são partes integrantes do mesmo processo: a transmissão da psicanálise. Em ambos a subjetividade é convocada em primeiro plano.

O terceiro eixo da formação do analista é a **supervisão** de sua clínica. Supervisão não é sinônimo de ensino prático. Seria mesmo impossível um ensino prático da análise. Quando o supervisionando relata o caso ao supervisor, aquele ponto em questão, aquela fala do analisante, já passou e nunca mais se dará do mesmo modo, no mesmo contexto. Não é possível ensinar como intervir, pois a intervenção é ato da subjetividade em cena naquele momento transferencial específico e irreproduzível. Para o analista em formação, a supervisão faz as vezes de uma análise de sua prática clínica, para a identificação dos possíveis pontos cegos, ou surdos, que constituem impasses com os quais o analista pode se deparar e diante dos quais sua escuta emperra e a análise não avança. O supervisor, como o analista, está situado para escutar o impasse daquela escuta e, se necessário, remeter o analista à sua própria análise para, ali, abordar aquele ponto que o está impossibilitando de escutar o analisante. Supervisão e análise pessoal, operam ambas na transferência, em ambiente privado e íntimo, em que o sujeito se dirige ao Outro como um sujeito-suposto-saber.

Além desses três pilares, creio que a formação exige um quarto, que aqui na ACP, chamamos de Seminário Clínico. Trata-se do **estudo de caso**, momento fundamental da formação, no qual os analistas articulam a teoria com sua clínica. Assim como no estudo, mas de modo muito mais preciso, o analista, a partir dos impasses ou mesmo dos achados de sua clínica, reinventa a teoria, agora em nome próprio, articulando conceitos com o vivo de sua clínica, sem repetição vazia de

um conhecimento teórico. Esta é a hora de produzir saber. No Seminário Clínico, é o caso que o convoca a pensar a teoria e apresentar aos pares sua elaboração. A psicanálise nasce da clínica e assim ela avança na formação de cada novo analista. Do mesmo modo que o estudo teórico, o Seminário Clínico é atividade a ser feita com os demais da instituição. Essas não são atividades privadas como a análise pessoal e a supervisão. A transferência, nesses casos, é com a própria teoria, constituindo-se em transferência de trabalho, a se sustentar pelo endereçamento aos outros.

Análise pessoal, estudo teórico, supervisão e estudo de caso, são os pontos de apoio da transmissão da psicanálise. Formar-se analista é passar por uma transformação da estrutura neurótica desejante. Trata-se de atravessar o enquadre inconsciente do mundo subjetivo, transformando o paralisante desejo neurótico que expressa um gozo mortífero, num desejo que movimenta o gozo da vida. Nessa verdadeira odisséia da qual o desejo sai transformado, percorremos o longo e difícil caminho que nos leva de volta ao ponto de onde tínhamos partido. Retorno às obras seminais e retorno à nossa própria origem subjetiva, estudo e análise pessoal, verso e reverso de um longo percurso para o qual apenas nossa subjetividade nos serve de guia.

DOIS DITOS LACANIANOS: SEUS USOS E ABUSOS

Regina C C P Moran

Em 10 de junho de 1964 Lacan dizia sobre a formação dos analistas estar na ordem do dia, apontando que os princípios escapavam. Mais de meio século depois e ela continua na ordem do dia ainda com questões de princípios.

Dirigir-me a leigos no assunto, se é que aos participantes essa palavra se aplique em algum grau, aumenta minha dificuldade, pois exige trazer na fala o que se escreve em letras. Lacan nos fornece nessas letras e suas funções, seus matemas, pontos de ancoragem que evitam um deslizamento fugidio da transmissão de seu ensino. É da experiência que tive quando iniciei meus estudos de Lacan e, considerando a possibilidade de que aqui haja leigos, que eu, nesse caso, almejo despertar a curiosidade que os possa iniciar nessa aventura.

Minha incumbência recaiu sobre um conceito e um aforismo que ensejam usos e abusos devido aos enunciados induzirem facilmente ao erro, aliás em assuntos tão repisados como o Fort-da de Freud.

O conceito “desejo de analista” e a indução ao erro que mencionei é aqui evento esperado, trata-se de levar à equivalência o conceito com o desejo de ser analista.

O aforismo é um convite ao erro, trata-se de: “o analista não se autoriza senão de si mesmo” e a indução errônea é tomar essa frase como a de uma auto autorização, para além de necessária, suficiente.

Comecemos pelo desejo de analista. Querer ser analista, desejar ser analista pode ser a razão de alguns para estarem aqui hoje. Já foi falado sobre a Escola e sobre o tripé da formação, acrescentando o quarto elemento do estudo de casos.

Os dois pontos que vamos abordar estão intrincados na análise pessoal.

Então precisamos falar primeiro da análise.

A análise ocupa-se de um saber no qual consiste o inconsciente, desse saber dito inconsciente. A análise do ego é outra coisa, o ego é outra coisa e não trataremos de esclarecer isso hoje, ainda que haja muito a dizer sobre o ego. Apesar da análise do ego ser mais divulgada, e estar na base de tantas psicoterapias e métodos de autoajuda, o aforismo e o conceito os quais me proponho a introduzir, devo adiantar, dizem respeito ao inconsciente.

O inconsciente como substantivo, enquanto podendo instalar uma desarmonia numa insistente repetição que, de forma contingente, pode parasitar o funcionamento do sujeito no cotidiano. O sujeito que, ao mesmo tempo em que é o sujeito, funciona como dividido. Dividido em suas posições com relação à linguagem: o sujeito que fala, ainda que reivindique ser uno, está ligado a esse outro sujeito que é o do inconsciente e que depende de uma outra estrutura linguageira, nomeada *alíngua*. É a descoberta do inconsciente! O sujeito não é sujeito senão do assujeitamento ao campo do Outro.

Alguns podem conviver com essa instância parasitária sem que isso resulte em um estado patológico. Para outros, a insistência desse saber manifesta-se por uma variedade de inconvenientes. Esse inconsciente não é um conhecimento, não está escondido para ser descoberto, o sujeito não o porta como a algo a descarregar. O inconsciente é um saber desarmônico, pois não é um saber do sujeito. Esse dele nada sabe e na preguiça nada quer saber. É para decifrar a instância da letra que fala pelo significante que a análise trabalha.

Não exclusivamente pelas razões citadas, mas também por elas, a confiança que o analisando deposita comporta a questão de como ela acontece, ou não. Dependerá do analista ser autorizado pelo analisando como sujeito suposto saber, mais um conceito que apenas tangenciaremos e pode ser lido de forma enganosa. Algumas técnicas propõem “o sujeito suposto saber” como tendo autoridade, oferecendo

soluções rápidas ao menor custo, via produtos formatados, para grande parte dos “problemas” de ordem psíquica.

Entretanto vale adiantar que quando há sujeito suposto saber há transferência, e se esse sujeito já chega encarnado pelo analisante em qualquer pessoa, crença ou religião, então possivelmente o início da análise será dificultado. Preconceitos sociais, elementos do debate científico, uma certa confusão que existe no conceito do que seja uma análise, a grande exposição aos podcasts de analistas das mais variadas escolas, contribuem nesse sentido.

Finalizando seu artigo, sobre o cognitivismo no antilivro negro da psicanálise, Leguil-Badal nos esclarece sobre a dialética criadora e a função do sintoma na psicanálise. Estar preso a uma fala primitiva que responde à alienação do sujeito pode interditar a abertura dialética, essa abertura em busca de um estado a inventar, dependente da entrega do analisando ao princípio da associação livre. Essa sempre muito paradoxal. O sintoma está longe de ser um problema lógico a ser resolvido, tratado, é dele que o analista parte para transformá-lo, tomando suas manifestações a serviço do saber que operará a transformação no *sinthoma* que consiste em sair da alienação que o submete a dificuldades e a tudo aquilo que possivelmente ele levanta contra si mesmo. Esse fazer repetidamente o que se repudia em detrimento do não fazer o que se propõe realizar.

Não se trata de diagnóstico de estrutura neurótica histérica ou obsessiva, psicótica ou perversa, em cada caso o estado-alvo, ou a cura, não se inscrevem como normatizações, a saída da prisão do sintoma é tão singular como o é sua constituição.

No laço entre o analista e o a analisando a confiança tem função indispensável. Esse autorizar-se falar tudo e entregar-se à associação livre, tomar o tempo, aguardar a construção dos tempos, renunciar à racionalidade de um discurso coerente... É na sua formação que o

analista conquista um saber em torno do que essa confiança se desenvolve:

- Em torno de um saber por onde conduz seu analisando a um encontro, no qual há um retorno, esse retorno depende da experiência que só poderá ser transmitida ao analista na sua análise pessoal.
- Na sua análise pessoal é que a finalização dos retornos como analisando, que um chega, um basta poderá ou não inaugurar o desejo de analista. Sublinhando não se tratar necessariamente do desejo de ser analista, e tampouco de ser suficiente para tanto. A declaração de fim de análise pelo analisando, esse basta, não é garantia dessa passagem.

E é Lacan que nos dirá: “quem não está enamorado de seu inconsciente erra”. E sendo assim nos possibilita errar, pela primeira vez na história isto é recusar amar nosso inconsciente, pois, enfim, é um saber do tipo maçada. E para saber esse saber o analista deve passar por diferentes discursos. Esses discursos, Lacan os articulou e são tratados em um seminário, eles permitem diferenciar agentes da fala numa rotatividade entre a histérica, o mestre, o universitário e o analista. O desejo de analista é a chave de entrada no discurso do analista.

Para isso, sustentando-se nos pilares da sua formação numa escola que articulará essa função em que a escolha do analista, a escolha de o ser, não pode daí senão depender. E pela simples razão de que: se o analista não se autoriza que de si mesmo, ele não pode com isso que se autorizar de outros também. A ligação do saber que se inventa e do saber que se escreve na escola.

Lacan, sobre o saber inconsciente, que justifica a construção do conceito de *alíngua*, essa que quebra o silêncio que instaura uma desarmonia, fala não de um conhecimento, mas de um saber que se define pela conexão de significantes. Esse saber desarmonioso e escondido na conexão de dois significantes que servem para representar o sujeito um para o outro. O saber é esse que não se sabe, esse que a análise busca. O desejo de analista figura na passagem ao discurso do

analista. É um discurso no qual o analista ocupa o lugar de agente, como causa de desejo, e recolhe do trabalho do analisando um saber da estrutura que ali ocupa o lugar da verdade. Isso permite ao analista convocar o sujeito na produção de uma emergência sincrônica. Essa onde ele se livra é também onde se depara com situações embaraçosas. Como isso se dá? No funcionamento da estrutura de linguagem, enigmática, pois se articula dissociando as palavras de seu significado corrente.

Pela própria experiência de sua análise, e só por ela, a singularidade do pensamento inconsciente é um não saber do analista quando trabalha no deslizamento da demanda e do desejo, nesse funcionamento sincrônico de duas estruturas de linguagem: a corrente e *alíngua*. O analisando fala na gramática da primeira e o analista escuta preparado e ocasionando a emergência da gramática da segunda.

A análise em extensão espera no quesito de saber que seja um douto saber, para esse saber convergem o estudo pessoal e seu complemento na participação ativa na Escola, lugar de transferência de trabalho. Já a análise em intensão exige do analista, na sua prática, que esse saber entre em função na chamada douda ignorância. Essa ignorância é um saber fazer como propiciar o reencontro para o analisando nesse lugar que já esteve em sua análise pessoal. Saber o que se está fazendo para alcançar um saber que não se sabe e nada se quer saber dele.

Assim é que na análise em intensão esse estado da douda ignorância permite essa vivência da subjetividade que inclui o sujeito e o psicanalista, na experiência da transferência. É esse fenômeno essencial no trabalho de análise, fenômeno ligado ao desejo, desejo de analista, que lhe permite ser o agente de um corte interrompendo a relação de significante a significante, na produção do começo de um saber que é suposto.

Para concluir, o desejo de ser analista não autoriza senão engajar-se na formação via o tripé análise pessoal, estudos e supervisão, que

pode resultar na mudança de sua estrutura desejante. Trata-se então da travessia do fantasma do fim da análise a inaugurar o desejo de analista. Essa travessia então está na gênese da primeira parte do aforismo: o analista não se autoriza que de si mesmo. Mas, vem a segunda parte: ele não pode com isso que se autorizar de outros também. Para sinalizar essa segunda parte entra o dispositivo do passe.

Referências Bibliográficas:

- LACAN, J. (1966). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *Seminário 21, Les non-dupes errent*. Inédito (1973-1974)
- _____. (2005). *Meu Ensino*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- _____. (2001). *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964)*. Livro 11. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *Seminário 17, O Averso da Psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- LEGUIL-BADAL, C. *Sur le cognitivisme*. In: L'Anti livre noir de la psycanalyse, sous la direction de Miller, J.A. Éditions du Seuil, 2006.

PASSE-SOBRE O PERTENCIMENTO

Patrícia Ribeiro Possato

O Passe foi proposto por Lacan como um dispositivo para as Escolas assegurarem-se da formação dos analistas (1). Testemunho de passagem de analisante a analista, do percurso próprio e específico de cada um. Dá prova do Ato psicanalítico. A psicanálise pura é a que tem como “produção” UM analista. Discurso do analista operando. Se para Lacan os “Analistas Didatas” só podem ser reconhecidos a posteriori; se formam-se analistas em seus divãs, então ele mesmo é um analista. Importante para se ter notícias em atos dos associados clínicos das Escolas.

Em analogia, numa “cadeia significativa”: passes, escritos, produções, seminários, representam a Escola para um outro “significante” indicando a Escola. Interessante visto que só pede o passe quem se interroga sobre a formação, quem se enlaça **numa** Escola. De uma pertença; de um pertencimento que se trata, entre “outros”.

Pelo seu aspecto disruptivo, per si, o Passe coloca os passadores e a Escola a se interrogarem, a se surpreenderem, a se emocionarem, a se sensibilizarem pelo sofrimento humano e pelos desdobramentos da Análise. Que através da condição transformadora da Psicanálise nunca percamos o entusiasmo, a surpresa, sempre diferença (marco da subjetividade). Nesse sentido, é pela Transferência de trabalho que surge o mote, a mola de desejo de desejo que move, sem nome, em movimento, puro objeto a.

Pedido de mudança de Grau que aqui representa um degrau, um lugar que o/a analista ocupa naquele momento e deseja responder por ele dentro de uma Escola. Fora disso seria busca de reconhecimento imaginário. O analista que quer testemunhar sua passagem viveu um esvaziamento em muitas e muitas camadas trabalhadas. De um sujeito prevenido que se trata (2)

Do lado da Escola, escutar os testemunhos é um privilégio: riqueza de significantes rearranjados, afetos realocados, ser transformado (des-ser). Oportunidade.

Que a centelha poética (3) que opera esteja sempre presente, como um presente.

Poesia de mim

Quando o corpo amolece

A alma esmorece

Não sei

Escrevo

Ando ao redor de mim

Ando abrindo um caminho

Sinto uma sensação estranha

Me vejo

Quase quero me pegar

Estender o braço

Alcançar com a mão

Num ser dividido pus flores

E reguei com lágrimas

E me colhi

Choro

Choro e penso

Penso e sinto

Sinto meu corpo

Sinto meu dia

Escolho um lugar

Me sento

Olho e escrevo

Escuto o vento

Referências Bibliográficas:

- Lacan, J. *Acte de Fondation, Ornicar? e Ato de Fundação - Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor
- Lacan, J. *Seminário XV - Ato Psicanalítico*, Inédito
- Lacan, J. *A Instância da Letra no Inconsciente*. Escritos, Jorge Zahar Editor

FIM DA ANÁLISE

Walkiria Helena Grant

Existem várias maneiras de abordar o fim de uma análise. Podemos falar do fim de uma análise, por exemplo, do ponto de vista do término, de um fim de encontros entre analista e analisando que se propunham analisar um relato de sonhos, de vivências das falas de um passado remoto que ainda retumbam no presente... Mas, o que buscaremos aqui é focar a questão do fim de uma análise do ponto de vista de um término, marcando uma interrupção de encontros entre o analista e o analisante.

Freud, no fim de sua vida, escreve “Análise Terminável e Interminável” em 1937, e, com este título, indica-nos um fim que poderia ser um não fim... análise interminável... Poderia haver um retorno destes encontros entre analista e analisando...

Retomemos a questão de fim de análise. Existem mais de uma maneira de abordar o fim de uma análise: podemos falar de fim de análise de um ponto de vista de um texto analítico, acabo de escrever a apresentação do texto que lerei amanhã sobre o fim de uma análise, pode ser um depoimento sobre o meu fim de análise, pode ser um questionamento sobre se existe, ou não, um fim de análise...

Numa perspectiva prática, o fim de uma análise ocorre quando analista e analisante não mais se encontram.

Haveria parâmetros que pudessem balizar o fim de uma análise?

O “Passe” foi um dispositivo articulado pela Escola Lacaniana, quando o passante faz um depoimento sobre sua história de vida jogando luz sobre significantes que marcaram sua história, eu diria significantes-nós, significantes cristalizados que mantinham o sujeito e seu sintoma-sofrimento como uma dor petrificada!

Passar pelo passe é fazer um depoimento diante de pares capazes de escutar as mudanças vividas em uma vida, marcada a ferro e a fogo, em carne viva!

Ter tido a oportunidade de entrar em contato com a “obra freudiana”, e, mais tarde, com a “lacaniana”, não foi sem consequências na minha vida, na minha formação como sujeito desejante! Ler, pescar

algo do passado, rever, reescrever... Mais do que isto, *viver o processo de análise*, motor fundamental de movimentos e mudanças!

Desejo pescado num mar revolto de dores e sofrimentos que buscavam uma direção. Minha análise começava...

Meu nome foi escolhido para ser “Walkiria Helena” porque não nasci como o falo desejado, o menino, o Wagner Roberto – tão esperado pelo meu pai. Carreguei o “W” como a marca do que eu não era... O que eu podia era manter o cabelo curto, corte “Joãozinho” que por um tempo eu deixei existir... isto deixava meu pai feliz!

E eu? Menino eu não podia ser, mas podia ser a primeira aluna da classe... Estudava muito, amava ler, visitar novos mundos, via leituras!

Recebia medalhas no final do ano que nunca foram valorizadas por ele! Eu não conseguia encarnar o “falo-menino tão desejado”. Minha mãe ocupava o lugar de plateia!

Esta família nuclear - pai, mãe, duas irmãs e eu - vivia em torno do estudo e da costura... o pai, trabalhando muitas horas fora de casa... E para mim, sempre que um retalho de pano caía no chão, era a dica para inventar uma roupinha para minhas bonecas!

Cresci ouvindo a musicalidade da língua árabe, língua usada entre minha mãe e a família nuclear dela: a dança era partilhada, mas não o significado das palavras! Eu e minhas irmãs ficávamos assistindo, de fora, àquela conversa entre a minha mãe e sua família...

Língua cifrada, lugar de não pertença... Vivência de ser de fora, de fora do grupo familiar!

E a língua, como código, volta a ocupar um lugar de destaque na minha vida: não aqueles significantes dos quais eu nada entendia, aqueles significantes que me colocavam na posição de exilada, mas agora no lugar de laço amoroso... a musicalidade da língua inglesa se fez laço... atou nós... o árabe, o inglês, o português!

Esta vivência de “estar fora” foi marcante na minha vida, e uma corrida para alcançar o “bonde da pertença”, aquele que permitiria um laço familiar era sempre desejado! Mais tarde, entrei muitas vezes em círculos que partilhavam uma língua na qual eu não era fluente, mas a dor “de não pertencer” foi-se embora! Pescava um significante aqui,

outro ali, o suficiente para estar junto, para participar de uma reunião entre pares...

Num salto no tempo, retomo o final de minha análise: tive um sonho... estava numa floresta, muitas árvores, flores, cantos de passarinhos..., mas eu via esta floresta “de fora”, eu assistia àquele mundo maravilhoso.

Agora, relato meu último sonho, que marcou o final de minha análise!

Neste sonho eu carregava uma moldura à frente do meu rosto... Eu enxergava o mundo através da abertura delimitada por aquela moldura, que eu carregava na mão. E, o que eu via era um mundo lindíssimo... Flores cobrindo um campo enorme, árvores, coelhos, borboletas... E eu, segurando aquela moldura e querendo explorar aquela beleza... De repente, descobri que eu podia jogar aquela moldura fora... Ainda hoje tenho a lembrança do gozo explosivo que vivi naquele momento! Pura liberdade!

Mais do que isto! Hoje posso dizer que eu não nasci como o falo desejado para o meu pai, carreguei a marca do “W” que se fez Walkiria, e pude ser reconhecida e valorizada pelo meu percurso de vida.

O PASSE: MARCO DE MUDANÇA

“O Passe” como um procedimento de marco de mudança de grau, diante dos pares de nossa Instituição Psicanalítica – ACP -, Escola Lacaniana, merece ser cuidadosamente estudado, com vistas à elaboração de um caminho que ateste, para nossa Escola, o reconhecimento desta solicitação! Ou seja, que possamos estabelecer diretrizes que sejam suficientemente balizadas para que os passadores reconheçam, naquela solicitação particular, se aquele pedido carrega um “saber fazer” demonstrado nas instâncias da Escola.

Se uma análise chega ao fim, produz um sujeito transformado, um ANALISTA. Isto não quer dizer que este sujeito opte por ser um analista enquanto profissão. Esta transformação ocorrida no processo de análise acarreta um desejo novo, um desejo de analista.

Num dispositivo oferecido pela Escola, o passante testemunha um **romance de mudança...**

Viver o testemunho do passe, diante dos passadores, é atestar a possibilidade de transformação, de reescritura possível de um destino que vinha sendo talhado a ferro e a fogo, em brasa quente...

Com Vandré, destaco a importância do fim de uma análise, do fim necessário que ressignifica, que junta fios e que redesenha uma história de vida...

“Vem, vamos embora, que esperar não é saber

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer...”

SOBRE MEUS PASSOS

Simone Teller Camargo

Ao pensar sobre a questão da formação do psicanalista para a atividade inaugural de 2021 da Associação Campinense de Psicanálise, voltei-me para a minha história, a minha formação e o percurso que venho seguindo nesta Escola.

Meu primeiro contato com a psicanálise foi na universidade, aliás, foi com a psicanálise lacaniana e logo, também, com a ACP, já que um membro desta havia desenvolvido um trabalho por lá e ainda ouvíamos falar sobre ele. Minha graduação foi em Psicologia e, um ano após seu término, cheguei por aqui.

Comecei a frequentar a ACP em 2006 participando de leituras e seminários, e ao final de 2008 decidi fazer o pedido para me tornar Membro Optante.

Neste mesmo ano, em um texto publicado em “aCarta”, cujo tema era a formação do analista, nossa colega, hoje não mais associada à ACP, Renata Falivene, levantava questões importantes sobre a formação do psicanalista e trazia notícias das formações dos analistas em andamento na Escola e uma dessas notícias foi o meu pedido de formação e suas especificidades. O texto a que me refiro se chama “Giro de perspectiva: Da formação do analista às formações de analistas”, e ao fazer esse resgate histórico em busca do meu percurso e sobre como acontece a formação na ACP, encontrei o texto da Renata, ela nos diz:

[...] não digo que a instituição se responsabiliza pela formação que oferece, o que seria equivocado, como se isso se pudesse oferecer, mas que tem sua responsabilidade na medida em que participa dessa formação, seja propondo leituras, seminários, carteis, discussões clínicas, seja ratificando enfim a participação de seus membros nos dois graus de analistas. (Falivene, aCarta, 2008, p.18).

Tendo a questão de como se forma um analista e pensando como a ACP pensa esta formação, meu primeiro questionamento é sobre o próprio termo: formação.

A formação é um termo que pode nos induzir a confusões, já que dele podemos entender que há uma forma, um caminho a ser perseguido para se chegar à formação, um currículo, e, ao final deste, estaríamos prontos a analisar, a abrir um consultório, e não se trata disso.

A formação começa com a responsabilidade de escolher a Escola que quero frequentar, e à qual quero me associar, o seminário ou a leitura de que vou participar, quando escolherei ler tal livro, ao escolher um supervisor, ou deixar de escolher. A formação se faz a cada passo.

Em 2008 então me responsabilizei pela minha formação, estando em análise e supervisão e participando de seminários e leituras. Após um período recebi o meu primeiro paciente, e estou em formação desde então.

Quando Lacan (1967, p.248), em sua Proposição de 67, nos diz que “o psicanalista só se autoriza de si mesmo” e mais tarde reformula novamente o princípio da formação do analista e acrescenta “e por alguns outros” (LACAN, 1970), ele nos diz que o analista se autoriza por si mesmo em sua análise pessoal, é no divã que isso acontece, e Freud nos diz que análise pessoal é o modelo de toda formação. Por alguns outros, ele se refere ao ensino teórico e à supervisão, às trocas, aos laços, aos laços que eu fiz nessa Escola.

Do que se trata esta formação do psicanalista então senão de treinar algo, de absorver os conceitos, de adquirir conhecimento? O que é esta formação?

A formação é uma (trans)formação, prefixo que significa além de, para além de, é para além da formação, a formação do psicanalista é para além da formação, um atravessamento. É uma tradução dos conceitos para nossa própria linguagem, nossa própria língua, lalíngua, que ao ser transmitida, ela faz laço, a (trans)formação se dá pelo contato.

Se não podemos transmitir a psicanálise como qualquer outro saber, se ela questiona a própria função de saber para o sujeito, se o psicanalista não transmite um saber e sim uma relação do sujeito com o

saber que escapa, se a formação do psicanalista é um trajeto ético e não normativo, que não vai passar obrigatoriamente por algum curso específico, por certificados, mas é uma experiência de cada um fazendo com a sua falta, com a sua castração e com a formação do seu desejo de psicanalista, então como alguém se forma analista? Sabemos que não é pela via do diploma, da identificação com um mestre, muito menos por uma decisão de auto engendramento.

Voltando ao meu percurso, estava há algum tempo como Membro Optante em formação, em (trans)formação, e, reconhecida primeiro por outros pares da Escola, me autorizei, em minha análise, a dar outro passo, pedi então a mudança de grau para o de Analista Praticante, grau em que hoje me encontro.

Em minha formação incluo mais um pé, no tão conhecido tripé da psicanálise: a análise pessoal, o estudo teórico e a supervisão da prática clínica, meu quarto pé: a transmissão da psicanálise.

Quando me autorizei a tomar a palavra, reconhecida por alguns outros a produzir uma articulação entre minha análise pessoal e os conceitos, entre o ensino teórico que me propunha a responsabilizar, minha formação se transformou. A (trans)missão é mais além do ensino, mais além da aula, ela é a articulação do saber da psicanálise com o não saber da experiência analítica, o saber é transmissível graças ao fato de que permanece parcialmente escondido, permanece parcialmente velado.

No momento em que o psicanalista transmite a psicanálise, ele faz uma travessia da teoria, não a travessia do fantasma que acontece em sua análise pessoal, de onde vem sua posição de analista, mas desse real que escapa o tempo todo e cuja teoria é uma tentativa de simbolização. Se a travessia do fantasma tem um fim, se a análise tem um fim, a travessia da teoria é um trabalho interminável, ela tem uma consistência que nos impede de a atravessarmos definitivamente. Não terá sido este o trabalho de Lacan, atravessar a teoria freudiana?

Cada um que pede uma formação vai precisar lidar com a responsabilidade que se cria para si mesmo. Essa prática fundamentada no desejo é uma decisão a qual não é possível habitar sem dela dar provas, o analista tem o dever ético de dar provas. É preciso concretizar

trabalhos, ocupar entre pares o lugar de pertença, ter o reconhecimento entre pares, o reconhecimento deste desejo. É um projeto de vida dedicado à psicanálise.

A formação é uma experiência singular na qual cada um cria, a sua maneira, na sua língua, a psicanálise. A transmissão do saber cria as condições para que o saber seja, ao mesmo tempo, recebido e produzido. Resta a parte intransmissível, que não pode ser transmitida por não se encontrar lá onde se acredita estar.

Neste ano passado de 2020 tivemos um ano atípico, saímos da charmosa casa na 14 de dezembro e cada um falou da sua. E como pensar a formação neste momento?

A ACP está na internet, e nela está, diariamente, em nossas redes sociais, nos sites, nos vídeos no youtube, podcasts, lives, a crescente oferta de cursos que se dizem “formadores de psicanalistas”, vou chamá-los de cursos prêt-à-porter, prontos para vestir. Cursos rápidos, que garantem ao “consumidor do produto” satisfação ou seu dinheiro de volta, ou a troca por qualquer outro que lhe interesse, que lhe sirva melhor.

Chama-me atenção a oferta, pois eles estão sendo ofertados, e entendo que a formação do psicanalista acontece de maneira reversa, é o **pedido** de formação que (trans)forma, e não a **oferta** da formação, o pedido de formação que acontece em um tempo já sendo percorrido. Esses cursos seduzem por um currículo a ser cumprido e pronto, nenhum trabalho e saiu um psicanalista certificado, com uma promessa do pote de ouro ao final do arco-íris.

Se a (trans)formação do analista depende de ele dar provas de seu desejo e de se responsabilizar por ela, como pode ser possível uma formação em que alguém se responsabilizou por ditar um percurso? Quem pode se responsabilizar por isso? Como é possível certificar? Parece-me uma formação dentro de uma “forma”, uma tentativa de não lidar com o real, com a castração, de nada precisar fazer com sua falta, nem saber dela, uma formação para não lidar com a psicanálise.

Quanto ao meu percurso? Sigo dando meus passos...

FALIVENE, R.H. *Giro de perspectiva: da formação do analista às formações de analistas*. Informativo da Associação Campinense de Psicanálise, aCarta, n.6, p. 17-19, dez/2008.

FREUD, S. (1910a). *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

LACAN, J. (2001). *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 248.

_____. *O*

Seminário, livro 17, O avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. (1973-74). *O Seminário, livro 21. Les non-dupes errent*. Inédito.

aCarta 2022

FREUD EXPLICA...LACAN COMPLICA?

EDITORIAL

FREUD EXPLICA... LACAN COMPLICA?

Regina Steffen

Em 2022 as atividades de estudo na ACP foram abertas por uma Mesa Redonda que propôs uma reflexão sobre a especificidade dos fundamentos da psicanálise motivada pela crescente demanda que recebemos por parte de pessoas que se declaram psicanalistas. Formadas em cursos rápidos de psicanálise, depois de cumprirem um programa de estudo teórico, análise de algumas horas e igual tempo de supervisão, essas pessoas demandam filiação para “estar entre colegas, receber indicação de pacientes”, porém, não declaradamente, esperam a chancela de uma instituição psicanalítica para a sustentação de sua prática clínica já em andamento.

No ano de 2021 propusemos um debate sobre a formação do analista, que resultou na publicação de uma edição de nossa revista “aCarta” com todos os textos apresentados naquela ocasião. Já então havíamos identificado a necessidade de esclarecimento de questões relativas à formação do analista, desvirtuada por cursos que iludem o interessado, oferecendo um diploma de psicanalista, o que gradativamente também desvirtua a própria psicanálise e sua clínica.

Desta vez o tema centrou-se numa espécie de chiste que já se tornou folclórico ao veicular a ideia de que Freud explica e Lacan complica.

Interessa-nos refletir sobre essa ideia que se difundiu junto com a difusão da psicanálise e que em sua simplicidade cômica, se presta a fomentar e a perpetuar o mal-entendido sobre a formação do psicanalista e seu ato, a prática clínica.

Freud explica? Sim, explica a constituição subjetiva de um modo inédito através de uma teoria, que por seu ineditismo, funda uma nova episteme, separando a psicanálise de qualquer outra proposta de

tratamento do sofrimento psíquico. Todavia, sua clínica não opera pela explicação. Nada mais equivocado do que pensar que explicações de cunho psicanalítico são a resposta curativa que o psicanalista deve oferecer ao paciente, ávido por uma explicação de seu sofrimento. É preciso alertar os pacientes das muitas “psicoterapias de orientação psicanalítica” que não estão fazendo psicanálise quando seu terapeuta “interpreta” sua queixa com uma explicação psicanalítica.

Freud explica teoricamente o sujeito humano, mas não explica seu sofrimento quando o sujeito o procura para dar algum encaminhamento a um problema que atrapalha sua vida. A clínica psicanalítica não se propõe a curar sintomas, até porque ela não opera a partir da ideia de que a queixa do sujeito seja uma doença a ser curada. Não é o raciocínio médico que orienta o psicanalista. Sua ação, como o próprio nome indica, é uma análise da trama histórica do sujeito, trama de linguagem, de marcas significantes que muitas vezes encontram na produção do sintoma a ilusão de resolver os impasses da condição humana. Dessa ilusão paralisante sofrem os neuróticos, com mais ou menos intensidade. A psicanálise acaba por tornar o sintoma desnecessário como solução do mal-estar frente aos impasses da vida, levando o analisante a inventar um novo fazer com o seu desejo. Essa “cura” é secundária ao rearranjo da trama languageira que estrutura o inconsciente humano.

Outra questão maliciosa que frequentemente é posta argumenta que a teoria psicanalítica já tem mais de 100 anos. A velha senhora não seria mais adequada nem como clínica, nem como teoria, em pleno século XXI. Por que a psicanálise hoje? Esse é outro modo de desvirtuar a psicanálise, como se ela já tivesse sido superada por alguma outra teoria mais moderna. A psicanálise segue relevante, hoje ainda mais que antes, justamente porque recupera a dignidade humana do sofrimento psíquico, transformado pela indústria farmacêutica em doença orgânica a ser tratada por medicamentos que dão conta apenas da dimensão fisiológica do corpo, ignorando solenemente a dimensão simbólica na qual o humano habita. Ser humano é uma condição atribuída àquele que fala, ser cultural e não tão somente biológico. Somos bichos que falam, e isso nos torna seres culturais. Essa dicotomia natural/cultural, divisão na qual o ser humano vive, é a fonte primitiva de seu mal-estar.

Remédio nenhum jamais curará tal condição, mesmo porque isso não configura uma doença.

E Lacan, complica? Essa é uma ideia até mais perniciosa que aquela destinada a Freud. Lacan de fato parece complicado, muito complicado, se for lido de modo apressado, sem profundidade, sem o conhecimento profundo da psicanálise, de toda a obra de Freud. Asseverar que Lacan é complicado serve para justificar o não envolvimento com sua obra, dando a ideia que se denuncia um certo esnobismo de uma obra que, por isso, deve ser deixada de lado. No entanto, Lacan se propõe a um retorno extremamente rigoroso a Freud e à sua descoberta única, buscando os fundamentos lógicos da teoria pela qual Freud esmiuçou o psiquismo do ser falante. Se o ser humano é o ser falante, então, cumpre descrever a estrutura lógica que dá sustentação à dimensão simbólica da linguagem.

A obra inteira de Lacan é ensino formador, que além de dar prosseguimento à descoberta de Freud, forma o analista. Sua empreitada de levar a psicanálise adiante, encontrando a base lógica do inconsciente estruturado como uma linguagem, só se tornou possível pela sofisticação que ele agregou ao estudo da psicanálise, valendo-se do estruturalismo antropológico e linguístico, da filosofia e da topologia. Lacan não complica exatamente. Seu ensino é, antes, exigente, levando a uma reformulação do pensamento ao ponto de o analista operar pelo atravessamento do sentido consciente em direção ao sem sentido por onde pode passar um sentido novo. Operação puramente languageira, mas que muda radicalmente a estrutura desejante do sujeito que chega à análise sofrendo com um arranjo doentio de sua economia desejante, e pode sair da análise com um novo saber fazer com as exigências do desejo.

Os “Escritos”, única obra escrita por Lacan, e seus 27 anos de Seminários (ensino oral) representam a extensão de uma obra que afasta aqueles que não estão verdadeiramente interessados na psicanálise, nem em uma formação que é continuada, uma vez que ninguém é psicanalista de uma vez por todas, ou seja, ninguém é psicanalista por obra de um crachá ou de um diploma.

A questão da formação continuada, exige a pertença do psicanalista a uma instituição analítica para estar entre os pares, pois se o analista só se autoriza de si mesmo, ou seja, de seu próprio processo de análise e formação teórica, ele também depende de alguns outros pelos quais é reconhecido. Tal frequentação entre analistas é necessária para a autorização de tornar-se analista. No limite, não existe o analista solo, sem os outros juntos aos quais ele renova continuamente sua formação.

Todas essas questões estarão contempladas nos textos que seguem, tendo sido levantadas e discutidas na Mesa Redonda no início de 2022. Naquela ocasião, fomentaram um muito produtivo debate entre os participantes. Esperamos que esta publicação siga gerando debate e novos questionamentos e reflexões; disso depende o avanço da psicanálise. Boa leitura.

Campinas, maio/2022.

FREUD EXPLICA?

Regina Steffen

A ampla divulgação da psicanálise no século XX acabou por banalizá-la. O tal “Freud explica” é dito em tom jocoso, como se a psicanálise fosse uma clínica explicativa. Tão vulgarizada ficou que agora, no século XXI, ela vem perdendo o rumo nos cursos rápidos e no bacharelado recém aprovado.

A ideia de que a psicanálise explica é absolutamente correta para sua dimensão teórica, única a apresentar a mais bem alicerçada explicação dos fundamentos do sujeito humano: o sujeito falante.

Com a descoberta/invenção do inconsciente, Freud inaugura uma dimensão da subjetividade que a própria filosofia jamais havia mapeado.

O sujeito moderno, cujo nascimento é registrado pelo “penso, logo existo” cartesiano, com Freud se prova dividido entre “sou onde não penso” e “penso onde não sou”. Descartes acerta precisamente o alvo ao localizar o “eu”, a sua existência, no pensar. Aí, o “eu” já é linguagem, porém, está assimilado e reduzido à consciência. O sujeito cartesiano é o sujeito da consciência, aquele que sabe que pensa. Freud vai além ao detectar o sujeito do inconsciente, camada até então insuspeita do “eu”, pura estrutura de linguagem, cuja base é um saber ignorado, não ciente (inconsciente, justamente). A estrutura da linguagem tomada nesse nível de singularidade a que o ser falante está sujeito, constitui o desejo, motor e alicerce do pensamento. O sujeito do inconsciente é puro desejo e como tal, buraco vazio de saber a pulsar e impulsionar a trama do pensamento que cria a ficção do “eu” que penso que sou. O inconsciente é esse Outro ignorado de mim mesmo, furo desejante, que insiste em se fazer representar sem nunca chegar a se realizar.

O inconsciente é a instância que se organiza em torno do impossível que habita o ser falante, existindo desde que o humano é humano e

Freud não fez senão revelá-lo ao recolher o material que a ciência médica considerava subproduto mental: sonhos, atos falhos, ditos espirituosos e mesmo os sintomas neuróticos para os quais não havia tratamento adequado. O ataque histérico era tomado pela medicina como uma invenção da histérica, uma vez que uma paralisia do braço, por exemplo, não correspondia ao que anatomicamente é um braço. O braço paralisado da histérica era o braço no sentido leigo e não médico, o que, para a medicina, desmascarava a fraude histérica. No entanto, aí se esboçava, sem que a ciência médica se desse conta, que o corpo habitado pelo sujeito humano é corpo de linguagem e não corpo anatômico, biológico. Essa foi a perspectiva que a teoria psicanalítica trouxe, inaugurando uma nova episteme.

Foi no vasto território de nossa psicopatologia cotidiana que Freud buscou o material de trabalho que o levou a postular o inconsciente como uma dimensão inédita do sujeito, criando a psicanálise não como mais um método de cura da doença mental, mas sim, como a análise do psiquismo humano geral, uma análise que se orienta no espaço da língua singular com a qual o destino de cada sujeito humano é tramado.

Para a psicanálise não existe divisão estrutural entre a doença e a saúde, pois ambas as condições partilham a mesma estrutura. A diferença entre o normal e o patológico reside na trama subjetiva que se estabelece na tentativa de resolver o mal-estar de sermos seres falantes (culturais), filhos da civilização e não da natureza.

Dado o ineditismo da teoria psicanalítica e da consistência de seu fundamento conceitual, a descoberta do inconsciente equivale a sua invenção.

O recalque, a pulsão, o Édipo e a castração constituem os pilares dessa perspectiva que inventa o inconsciente ao revelá-lo.

No mundo humano, toda descoberta depende de uma invenção que permite operar com aquilo que até então seguia insuspeito. O arcabouço conceitual de uma teoria é uma invenção que vai permitir operar com aquilo que está sendo nomeado e explicado. Em termos teóricos, Freud explica, e muito bem, o ser falante tramado sobre o furo do saber, sujeito ao desejo, vazio de ser: eis o humano.

Se a teoria psicanalítica explica o sujeito humano em geral, ela, no entanto, não explica nenhum sujeito em particular. Psicanalisar não é explicar o trauma que o sujeito sofreu, nem colar nele as vinhetas que se popularizaram com a divulgação da psicanálise. A prática analítica não se faz pela explicação dos males e sofrimentos do paciente. Seria uma caricatura de psicanálise aplicar conceitos como explicação: isso é seu Édipo, ou seu narcisismo, seu superego... Engana-se quem pensa que conhecendo a teoria, seus conceitos, torna-se apto a analisar pacientes. A teoria analítica faz parte da formação do analista, pois lhe fornece as balizas de sua escuta, mas a escuta só se faz operante pela análise pessoal, lapidada na supervisão.

A clínica analítica é uma clínica que longe de explicar, leva o analisante a se reconhecer sujeito de sua história, fazendo dessa história motivo de invenção de uma nova perspectiva na vida.

Trata-se de um processo que, em vez de explicar, convoca o sujeito a inventar um fazer novo com o desejo, esse buraco impossível de ser totalizado.

Campinas, março/2022.

POR QUE FREUD, A PSICANÁLISE, AINDA HOJE?

Simone Teller de Camargo

Sigmund Freud é uma dessas personalidades do mundo contemporâneo com quem nos deparamos em algum momento em nossas vidas, ainda que nunca tenhamos lido nada sobre psicanálise, e nem mesmo feito uma única sessão de análise.

Basta que alguém conte algum conflito amoroso em um grupo de amigos, que logo o colega ao lado “explica” com o Complexo de Édipo, ainda que sem qualquer embasamento teórico. Alguém conta um sonho e logo vem sua interpretação. A palavra recalque se torna gíria, ganhando um significado de inveja e despeito e está presente nas letras de funk. O narcisismo, o ato falho... Freud está por toda parte. Vivemos em um mundo onde Freud é importante, basta termos consumido o mínimo de cultura popular produzida no último século.

O responsável pela terceira ferida narcísica na onipotência humana – após a primeira, feita por Copérnico, que mostrou que a Terra não é um planeta que está no centro do universo, e a segunda por Darwin, que disse que os homens não foram criados por Deus e sim descendemos dos primatas - Freud nos mostrou que o homem não é soberano em sua própria casa, algo sempre nos escapa. Em nossas palavras, nossos atos, sonhos, e revelam um desejo inconsciente.

É justamente em razão do inconsciente, que podemos pensar na influência da teoria freudiana tanto na vida cotidiana, quanto na clínica. Mas apesar dessa influência e constante presença na cultura popular, o discurso freudiano vem sendo criticado desde seu tempo até o nosso.

É criticado por não ser um discurso que se comprove cientificamente; a experiência da análise é criticada por sua longa duração, o que implica em um investimento elevado para os analisantes; é criticado por fazer o homem se responsabilizar exatamente por aquilo que ele não tem domínio, mas que o constitui, por fazer o homem se responsabilizar por seu desejo.

É como se seu discurso não dissesse mais nada, em meio a tantos novos dizeres. É constantemente diluído na cultura popular e vem se tornando um discurso menos complexo, mais palatável.

Em seu artigo de 1917 “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”, Freud diz que a psicanálise demonstrou questões que tocam o homem e

o forçam a assumir alguma atitude em relação a seus problemas, e assim, a psicanálise atrai para si a aversão e a resistência. Não se pode esperar simpatia de uma sociedade a qual revelamos seus defeitos e suas insuficiências.

Freud trouxe à tona temas que abalavam a conservadora sociedade de seu tempo. Ele sabia de seu destino marginal, dele e da psicanálise, e que este era seu grande trunfo ou até mesmo, sua condição de sobrevivência.

Em oposição a seu discurso, vemos crescer o dos neurocientistas, dos cognitivistas e toda e qualquer forma de sofrimento humano passando a ter uma classificação nos manuais de psiquiatria e um tratamento químico. Qualquer comportamento que se desvie do que é esperado, do que pode ser considerado normal, passa a ser tomado como um distúrbio e a ser tratado com medicamentos.

Elizabeth Roudinesco, em seu livro “Por que a psicanálise?”, nos diz que o mundo contemporâneo representa a derrota do sujeito. Para a psicanalista e historiadora francesa, o discurso científico para compreender o homem faz com que a história do sujeito desapareça e a sua compreensão passe a ser reduzida somente a partir da sua atividade cerebral.

No discurso freudiano, a importância está justamente na problemática do sujeito.

Freud deu voz ao que se apresentava além da razão, e ao se voltar para o sujeito recusado pelo racionalismo científico e escutar o não óbvio, o que normalmente não se escuta, ele revolucionou. Ouvir o sujeito do inconsciente é revolucionário.

Freud promoveu uma profunda transformação na maneira de compreender e tratar o sofrimento humano, simplesmente por oferecer ao paciente a possibilidade de se deitar em um divã e falar. Ele mudou o mundo que nunca mais pode ser o mesmo.

Ele se interrogava sobre a sociedade e a civilização em que vivia e se interessava pelas sociedades primitivas que lhe permitiram pensar sobre a criação da cultura, e ao mesmo tempo, estabelecer o Complexo de Édipo em seus fundamentos.

Em “Totem e Tabu”, nos dá a narrativa mítica do assassinato do pai da horda primitiva, que era formada por um pai que tinha acesso a todas as mulheres e que expulsava do grupo aquele filho que o desafiava, guardando para si o direito à sexualidade e agressividade irrestritas.

Certo dia, os irmãos se juntaram contra o pai, e unidos, o assassinaram e devoraram. Após o assassinato, foi preciso organização para que nenhum irmão jamais viesse a ocupar o lugar do pai.

Esta narrativa nos mostra que a cultura, a sociedade, tem origem pulsional, assim como os sintomas neuróticos. Os conflitos são de natureza edipiana e constituem soluções sociais de compromisso ao problema da compensação pela falta da satisfação. A vida social se funda numa espécie de renúncia da satisfação pulsional. Os irmãos renunciam à satisfação, e assim temos a civilização.

Em seu artigo “Mal-estar na civilização”, Freud nos propõe uma radicalidade. Escrito há quase um século, no período entre guerras e da ascensão do nazismo, seu texto continua oferecendo um caminho para entender nosso tempo.

Ele nos diz que o mal-estar está no centro de qualquer organização humana, e as restrições são necessárias para a civilização e mostram a condição de desamparo do homem.

Enquanto bebê, o humano depende do outro para sua sobrevivência, é o outro que lhe possibilita a satisfação. Quando recebe essa ajuda externa, ela não se reduz à satisfação de suas necessidades, ela é acompanhada de uma mediação da linguagem. Essas primeiras experiências de satisfação deixam marcas, representantes de tal satisfação e o bebê humano buscará repeti-las. Uma marca que não é da experiência de satisfação e sim de sua representação.

Ao buscar repetir essa satisfação e não ser orientada por instintos, a criança o faz orientada por um princípio organizador, o princípio do prazer, que cria um engodo, e faz com que ela acredite que é aquilo que ela deve encontrar, reencontrar, mas que na verdade, nunca foi encontrado e nem perdido, falta estruturalmente.

Para pensarmos nesta falta estrutural, é preciso um lugar já inserido no campo das representações, da linguagem. É a inserção do ser humano na linguagem que irá nos permitir pensar na falta, no desamparo.

Nossa falta, nosso desamparo é estrutural, jamais poderá ser ultrapassado, somente poderá ser contornado.

O homem tem por propósito de sua vida a felicidade, e para que ela seja buscada, é preciso evitar o desprazer, esse é o programa do princípio do prazer. As construções da civilização são formas de satisfação substitutivas em troca da satisfação renunciada pelos homens. Uma substituição adequada ao projeto de uma cultura.

Mas o programa de tornar-se feliz, de evitar o desprazer, não pode ser realizado. Os progressos da civilização não são garantia de felicidade. O homem civilizado adia e modela sua exigência de satisfação, estabelece um controle, ou ao menos uma tentativa de controle pulsional, e, em troca de sua renúncia, a cultura lhe oferece satisfações substitutivas, encarnadas nos inúmeros progressos sociais.

A radicalidade do mal-estar proposto por Freud, está em que não se trata de uma questão de proibição ou permissão, mas sim de impossibilidade. Proibir ou permitir algo já são manejos de tentar dar um contorno ao mal-estar estrutural. E contornar o mal-estar não seria também destacá-lo?

Uma das maneiras que o homem encontra para contornar esse mal-estar na atualidade, é o crescimento das religiões, da crença na salvação. Esse crescimento declara que o homem contemporâneo sofre o mesmo desamparo de sempre.

Freud nos diz que talvez não haja um sentimento mais intenso na infância do que a necessidade de proteção de um pai. A religião encontra sua força justamente no fato de que ela fornece um pai, solucionando o desamparo humano por meio de uma ilusão.

Vivemos extraordinárias realizações e descobertas em todas as áreas, individuais e coletivas, o progresso é rápido e diário. Há constantemente a busca pelo prazer. O projeto de evitar o desprazer está a todo vapor.

Seria um manejo do mal-estar tornar o discurso freudiano mais palatável?

Um discurso que cabe na conversa cotidiana, mais compreensível ou em um currículo pré-estabelecido, numa graduação, um bacharelado em psicanálise? Assim, se reduz a formação do psicanalista ao conhecimento e às técnicas e não se considera sua especificidade, que é ser uma formação decorrente de sua análise pessoal, supervisão, seu estudo crítico da teoria.

Será que a formação do psicanalista, de acordo com os princípios éticos e fundamentados nas propostas de Freud, cabe nesse contorno do mal-estar?

Uma formação simples, rápida, sem investimento, parece contornar esse mal-estar, não atrasar a satisfação, mas não forma psicanalistas.

Sempre houve manejos singulares do mal-estar, mas não há manejo que consiga ultrapassar a falta radical em que o ser de linguagem se

constitui. É em razão desse mal-estar estrutural, dessa busca constante de evitar o desprazer, e dessa impossibilidade de fazê-lo, que o discurso que tanto incomodou no século XX, é necessário no século XXI.

Referências Bibliográficas:

FREUD, Sigmund. *A Interpretação de Sonhos*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1900-1996. v. 9.

FREUD, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1901-1996. v. 6.

FREUD, Sigmund. *Uma dificuldade no Caminho da Psicanálise*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1917-1996. v. 17.

FREUD, Sigmund. *Inibição, Sintoma e Angústia*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1926-1996. v. 20.

FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1928-1996. v. 21.

FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1930-1996. v. 21.

LACAN, J. *O Seminário, livro 07: a ética da psicanálise*. 1959-60. Rio de Janeiro, Zahar. 2008.

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

LACAN COMPLICA?

Lucia B. Bertazzoli

A psicanálise trata do inconsciente. Noção que já existia na psicologia antes de Freud, mas que ele instituiu como diferente. O inconsciente em Freud não se referia mais à algo oculto, algo escondido a ser revelado, e sim, parte ativa do sujeito em sua constituição. Onde então se situa o inconsciente?

Dizemos que a psicanálise freudiana foi concebida sob um modelo biológico. É verdade. Porém, Freud definiu o sujeito como sendo o sujeito de linguagem. Já nos textos iniciais mencionava a cura pela palavra, curiosamente, cura de sintomas histéricos de conversão, de sintomas percebidos no corpo. Na psicanálise tratamos do corpo de linguagem e não do corpo anatômico.

Freud desenvolveu sua teoria com os recursos do conhecimento de sua época estabelecendo um arcabouço teórico absolutamente bem fundamentado na trama dos conceitos, na relação que os conceitos estabelecem entre si. Freud produziu teoria a partir da sua clínica: a psicanálise parte da clínica para a teoria.

Nos dias atuais, em nossa clínica, no exercício da clínica psicanalítica, vemos que os resultados do tratamento psicanalítico corroboram a verdade da teoria instituída por Freud. Um psicanalista reconhece na movimentação psíquica do seu paciente, no desenrolar das sessões, os aspectos teóricos ali envolvidos. O psicanalista fala a partir da sua prática clínica.

Fora da clínica psicanalítica, os teóricos das mais diversas áreas como a psicologia, psiquiatria, filosofia, matemática, por exemplo, tratam dos conceitos psicanalíticos e se apropriam deles de forma distinta daquela do psicanalista. Diversamente dos psicanalistas, eles falam da psicanálise a partir da teoria psicanalítica.

Aqui vamos falar de clínica psicanalítica no que ela pode se relacionar com outras matérias. Tanto Freud quanto Lacan dialogaram

intensamente com outras áreas do conhecimento, sempre especificando o campo da psicanálise como um campo da palavra, que não se confunde com nenhum outro campo. O que vem a ser isso?

Se Freud passou grande parte de sua vida tentando viabilizar a psicanálise como algo de valor, Lacan, um freudiano como ele próprio se intitulava, buscou com suas pesquisas e seu ensino, trazer a psicanálise o mais próximo possível do que se considera uma ciência, sem o ser. Aproximou-se das ciências humanas, afastando-se do biologicismo de Freud: se a cura freudiana se dá a partir do conceito de inconsciente e se dá pela palavra, se a palavra é a ferramenta própria à escuta psicanalítica, seria preciso pensar o inconsciente freudiano a partir da fala do sujeito, a partir do relato que faz de seu sofrimento e da posição em que se coloca nesse relato, das relações que o sujeito estabelece com o que considera ser sua história, aquela que ele conta no divã. Com Lacan, a forma discursiva que o sujeito utiliza para relatar seus sintomas na atualidade das sessões adquire uma dimensão outra, diferente da que busca fatos ou verdades escondidas no passado, aos moldes do que propunha Freud.

Lacan lança mão dos conceitos contidos na Linguística Estrutural de Saussure para fundamentar essa ideia e diz que as formações do inconsciente, sintomas, chistes, atos falhos, sonhos, são análogos, em sua constituição à formação das figuras de linguagem, quer dizer, seguem as regras de linguagem. A formação do sintoma é análoga à formação da metáfora, e o desejo, em seu deslizamento é associado à metonímia. Essas formações assim constituídas portam o sujeito que aparece assim representado na cadeia falada. E só aí. O sofrimento psíquico, aquele relatado no divã, ainda que estabelecido no corpo, representa o sujeito, a partir de sua fala, para um outro. Lacan designa que o sintoma é um significante e conclui: o significante representa o sujeito para um outro, para um outro significante. Podemos então pensar que o inconsciente está na linguagem.

Conjuntamente à linguística, Lacan lança mão da Antropologia Estrutural de Lévi-Strauss, que analisando as relações inter-humanas como as trocas sociais e econômicas, as relações de parentesco e os

mitos, descreve-as a partir do estruturalismo como também constituídas conforme as regras de linguagem. Somos seres sociais, fazemos trocas, e a forma como essas trocas ocorrem também são regidas por regras análogas às regras de linguagem.

O estruturalismo da linguística e da antropologia, determina um regramento. Somos seres da cultura, de trocas sociais, trocas regidas por leis. Aprendemos a falar desconhecendo essas leis, mas elas estão ali. Pertencemos à uma família e as regras de pertencimento também estão ali, somos filhos, netos, mães, pais temos uma posição no desenrolar das gerações e isso já está ali. Isso que é dado e nos foge, que é inconsciente, é próprio do Simbólico e organiza a cultura.

A noção de Simbólico está assim colocada e será um dos registros que Lacan utilizará para pensar o psiquismo. Os outros 2 registros vêm de seu encontro com a filosofia e com o movimento surrealista.

A partir de seu contato com a filosofia, Lacan passa a pensar o registro do Imaginário, instância em que o humano, como num espelho, realiza suas identificações, reconhece-se no outro e aliena-se na linguagem. É a casa do eu, do narcisismo, da agressividade, da alteridade.

A partir do encontro com os surrealistas, Lacan passa a pensar o registro do Real, que ele distingue de realidade.

Diferente da realidade, formada pelo simbólico e imaginário, o Real, quando em relação com os outros dois registros, nos traz essa realidade, a da compreensão de mundo, do mundo repleto de sentidos. E também nos traz as impossibilidades que a realidade tem, confronta-nos com nossos limites, com o que desintegra a realidade, com o que é da ordem do impossível de compreender, impossível de dizer. A clínica lacaniana apresenta-nos a possibilidade de que o encontro com o Real seja possível, seja viável, seja de alguma forma, da forma singular em cada sujeito, incorporado ao seu repertório: mesmo incompreendido e, ainda por isso, é recebido como parte do sujeito.

Unidos borromeamente em um nó, esses três registros atuam conjuntamente para o entendimento do psiquismo: a condição de ser

falante, ser de desejo, implica na relação específica desses 3 registros, de tal forma que, ao soltar-se um dos elos do nó, os dois outros também se soltam. Mas isso ainda era insuficiente para Lacan que continua sua busca e avança em seus estudos e em seu ensino, utilizando conceitos da matemática, da lógica e da topologia: fórmulas, matemas, esquemas, grafos, nós, garrafas, toros... são muitos anos trabalhando esses conceitos para trazer questionamentos, entendimentos e fazer avançar a causa psicanalítica.

Lacan complica? Sim, complica! para aqueles que não querem segui-lo na árdua tarefa de compreender Freud. De retornar à Freud.

No início do seu primeiro seminário, rompido com a Associação Internacional de Psicanálise, rompimento que se deu após ter denunciado os equívocos da clínica psicanalítica dos pós-freudianos, Lacan inicia seu ensino e diz para os presentes:

Eu me endereço aqui àqueles que fazem parte do grupo de psicanálise que representamos... se ele está constituído como tal, no estado de grupo autônomo, ... é para uma tarefa que não comporta nada menos para cada um de nós, do que o futuro... se vocês não vêm para colocar em causa toda a sua atividade, não vejo porque estão aqui. Os que não sentiriam o sentido dessa tarefa, porque permaneceriam ligados à nós, ao invés de se juntarem a uma forma qualquer de burocracia? (LACAN, 1986, p. 336)

Trabalharam bem esses dois... somados são 80 anos de produção...

40 anos de produção de Freud, 40 anos de produção de Lacan, ambos com propostas muito firmes e claras sobre como um analista se forma, um sem número de escolas de formação de analistas lacanianos espalhadas pelos 5 continentes que primam por transmitir tais ensinamentos... nos deparamos, em 2022, com propostas ao avesso... me pergunto, temos nos perguntado aqui na ACP, o que autoriza grupos corporativos a criarem cursos bienais de psicanálise, on-line, prometendo um certificado de psicanalista ao final e um registro profissional? O que autoriza políticos brasileiros a legislarem sobre esse

campo tão específico que lhes foge à compreensão, a criarem bacharelados em psicanálise, que não vão formar analistas?

A psicanálise, peste sem vacina, nem de longe contempla tais propostas. Seguimos em frente, contudo!

Referência Bibliográfica:

LACAN, J. *O Seminário, livro I – Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986, p. 336.

UMA INTRODUÇÃO A LACAN VIA ESCRITOS.

Regina C.C.P. Moran

Do ensino de Lacan destinado à formação de analistas deriva uma teoria e uma prática da psicanálise a partir de Freud, diferenciada de outras e em oposição a algumas, como o emprego da herança freudiana na Psicologia do Ego e seus caminhos como, por exemplo, o da Terapia Cognitiva Comportamental. Assim podemos entender que a psicologia e a psicanálise são campos de culturas diferentes.

O campo lacaniano foi de uma produção extensa e intensa na sua descoberta incessante de aproximações teóricas (tóricas! Ato falho na escrita...) diversas, apoiadas em teorias tanto as já consagradas, como as de ponta da época que Lacan viveu.

Sua obra chega a subverter a psicanálise através de seu original suporte na linguística (Saussure e Jacobson), na filosofia (Hegel, Heidegger, Wittgenstein), sempre na companhia dos pré-socráticos e de Descartes, na matemática. Os conceitos transformados para operar numa transmissão mais precisa da psicanálise, com vistas à clínica, resultaram em seus matemas, grafos, esquemas, aplicações da teoria de conjuntos e números, o emprego da topologia que finaliza com os nós. Sua erudição literária perpassa seus textos cuja aplicação de obras clássicas e da época, quase sempre nos levam a buscar, em notas de rodapé, por autores que acolhem nossas dificuldades apesar da francofonia, a origem das citações às quais Lacan por supor familiaridade dispensava fazer referências.

O original incontestável de sua contribuição está intermediado por essa interlocução com outros campos, nos dando sempre algum fio de Ariadne para percorrer o labirinto de seu ensino, para que possamos de o amor à psicanálise vencer os impasses de uma clínica.

A publicação da coletânea de seus textos sob o título *Escritos*, de 1966 na França, tem sua edição brasileira em 1998, uma defasagem de mais de trinta anos da obra que marcava trinta anos de trabalhos no ensino de Lacan. Sua tese data de 1932, em 1936 já escrevia o texto *Para além*

do princípio da realidade, prenunciando que de seu retorno a Freud resultariam avanços e subversões na descoberta freudiana do inconsciente.

Levando-se em conta que Lacan trabalhava seu XIV seminário, *A lógica do fantasma*, nessa época da publicação dos *Escritos*, decorridos, portanto, treze anos de seu ensino, pode-se deduzir a importância dessa leitura na compreensão do campo lacaniano.

Mas esse caminho, muito longe de ser suave, foi acidentado com as marcas da falta de reconhecimento, e ali onde o fracasso despontou, Lacan o transformou em catalizador da transferência de trabalho. O capítulo V dos *Escritos* é fonte primária destes eventos no percurso da psicanálise que hoje podemos nomear lacaniana. Esteve e está em jogo a existência da psicanálise e da formação do analista tal como a escola lacaniana a concebe. Mesmo faltando fazer jus ao conteúdo que esclarece o entendimento da escola e da formação sob a proposta de Lacan, essa citação que passo em seguida, é tão atual como o foi em 1971 no *Ato de fundação* quando Lacan explicita sua intenção na fundação da Escola Francesa de Psicanálise:

Esse título em minha intenção representa o organismo em que deve realizar — um trabalho — que, no campo aberto por Freud, *restaure o sulco cortante de sua verdade* — que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo — que, por uma crítica assídua, denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso ao degradar seu emprego. (LACAN, 2003, p. 235, tradução nossa).

A citação acima é uma chamada ao não conformismo, é uma chamada a quebrar o silêncio sobre os desvios na *práxis* da psicanálise. A leitura dos *Escritos* é parte de uma possível resposta. A falta de otimismo nos resultados e a dificuldade da leitura dos *Escritos* propalou-se como rarefação dessa atividade. Isso devido à demanda ao leitor de uma balança na ocupação dos lugares de analista e analisante para, como efeito dessa leitura, apropriar-se do Ensino de Lacan.

Assim voltarmos ao seu texto de abertura dessa obra nos suprirá de elementos de um leitor advertido pelo próprio autor.

Outros dois textos nos guiarão para os *Escritos*. O texto *Prefácio à edição dos escritos em livro de bolso*, texto de 1969 e, também, o texto de outubro de 1973, já tendo iniciado seu seminário XXI, a *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos*. O fim de sua contribuição diretamente falada ou publicações, sob sua revisão, de sua escrita, está próximo. Seu caminho será seguido e trará uma continuidade à semeadura dessa obra fértil, por tantos quantos a tocam, na fala, na escrita, e principalmente na clínica. Destaco o incessante retorno a Lacan por Miller, J.A., que dá continuidade em seminários e livros, cuja extensão me eximo de citar, intermediando a difícil leitura e justa compreensão da teoria que abarca o ensino de Lacan.

Passo então a extratos que, de como o próprio Lacan nos introduz à leitura de seus *Escritos*, me estimulam nesse desafio.

Já na *Abertura dessa coletânea* nos introduz com sínteses de sua lavra, como, por exemplo: “... na linguagem nossa mensagem nos vem do Outro, e para enunciá-lo até o fim: de forma invertida.” (LACAN, 1966, p.9).

E então Lacan se põe a questão: para que endereçar ao homem se esse se reduzisse a nada além do lugar de retorno de seu discurso? Ou inclusive do discurso de outros? É desse lugar que fazemos várias leituras: palavras que deslizam suavemente fazendo sentido numa prazerosa e total compreensão, justificando devorar certas leituras até a surpresa boa ou ruim do final. Não há falhas ou lacunas disruptivas, e quando há, abandonamos o mau escritor. Penso nos romances que li esquecida do passar das horas, enriquecida dos saberes sobre a vida, sentindo-me ao final mais humanizada, mais apaixonada pela vida, pelo meu país, por outras culturas, outras épocas... fomos treinados para sermos esse tipo de leitor. Ou ainda quando nos assujeitamos, na presença de mestres, à escuta na passividade mais ativa da aprendizagem de conteúdos escolares, acadêmicos, religiosos...

Mas Lacan detectou esse leitor novo, esse que refuta essa ideia, e exemplarmente nos dispõe *O seminário sobre a carta roubada*, como seu texto de abertura dos *Escritos*, adiantando ser a paródia de seu

discurso. A leitura desse texto da obra de Poe, em que roubada é tradução do inglês no título da novela *Purloined*, cuja afinidade com a ideia de defraudada, obtida por meio de uma quebra de confiança, desvios e, *volée* no francês, nos induz a uma carta que se sustenta e se desloca rapidamente, enriquece o emprego, na tradução, por roubada como metáfora do significante, “... não há mestre senão o significante” (LACAN, 1969-2003, p. 383), e continua nessa mesma referência “O que demonstra o conto de Poe, por meus cuidados, é que o efeito de sujeição do significante, da carta roubada, no caso incide, antes de mais nada, sobre seu detentor posterior ao roubo...”, e ainda, quanto ao esforço de Lacan em fazer-se compreender: “... eu explicasse esses termos cada vez mais menos eles seriam entendidos”.

Se bem que como substantivo feminino, no sentido coloquial, seja bem sugestivo, dessa carta ocorreu uma roubada! Tanto o texto de Poe como o seminário, parte integrante do primeiro capítulo da obra, são essenciais para tomar o lugar de leitor do escrito pois Lacan cuida do roubo da carta como: “ser a paródia de nosso discurso”. (LACAN, 1966-1998, p.10).

Desse desejado lugar de leitor novo, Lacan, ainda na abertura da coletânea, nos dá uma baliza no último parágrafo: a coletânea dos textos foi escrita como marcos do percurso do ensino de Lacan, e seu estilo uma imposição de seu endereçamento com que visa a nós leitores a um resultado forçoso no qual temos que dar de nós mesmos.

De fato, logo de início, como articular os seguintes trechos que, como adiantei acima, extraio de sua abertura? Por exemplo: “na linguagem nossa mensagem nos vem do Outro, e para enunciá-lo até o fim: de forma invertida”? (LACAN, 1966-1998, p. 9).

Lacan nessa paródia de seu discurso trata de facilitar uma visada de como se articulam alguns de seus conceitos fundamentais. Aqui será que se nota a escolha de Lacan no seu seminário inaugural dos *Escritos*, carta, letter (letra), litter (lixo), o prenúncio de Joyce, 1976, bem como seu seminário XXIII, *O Sinthoma*?

E o que dizer da menção à

[...] divisão onde se verifica o sujeito pelo fato de um objeto **o atravessar sem que eles em nada se penetrem**, divisão que se encontra no princípio do que se destaca **no fim dessa coletânea** sob o nome de objeto *a* (a ser lido: pequeno *a*)? (LACAN, 1966, p. 10, grifo nosso).

Esse último, um conceito fundamental que Lacan cria para manejo múltiplo nas funções de objeto, do desejo, do gozo, do lugar do analista como causa de desejo, de resto! Elemento articular de toda sua álgebra no manejo da clínica.

Articular dando sentido vai efetivamente exigir dar de nós mesmos. Como manejar essa falta, essa espera (*souffrance*) desse efeito, o efeito de sentido (*pas de sens*)? Um operar de nós mesmos transformará o “pas” da negação no “pas” do passo. E a lembrança do Pas-de-Calais, região francesa, com o significado do imperfeito de calar (“caler”, com toda polissemia desse verbo no francês, e no português.). Assim, no conceito de significante vamos encontrar esse calar do calar-se, **da fixação**, de baixar a âncora, do reprimir, do recalcar, **esse calar do penetrar**: “... a divisão onde se verifica o sujeito pelo fato de um objeto o atravessar sem que eles em nada se penetrem...” (Lacan, 1966, p.10).

Estamos na abertura retroativa da obra, há décadas de seu ensino, então da leitura da obra dependerá o efeito de significado. Sob qual discurso poderemos sustentar, sem nos evadir, as discontinuidades nos efeitos de sentido no saber que buscamos? Penso que Lacan antecipava a estrutura discursiva do analista, pois só do lugar de causa de desejo pode-se recolher da leitura dessa escrita, a escuta, a sonoridade que sustente o lugar de uma falta a ser suplementada com produção nossa.

Suponhamos então para não deixar o leitor à deriva que alguns conceitos já lhe foram introduzidos, e lembrando que o significante não é funcional, tomo o risco de procurar longe de alcançar seu destino, cumprir parte da função do significante no encontro com algum efeito de significado, a partir das citações da abertura dos escritos.

Quando escreve sobre sua formulação na linguagem, da origem de nossa mensagem, através do conceito do Outro, que finaliza, que nos

chega de forma invertida, estamos no núcleo de seu ensino. Consequências tais como: que o inconsciente é o discurso do Outro, bem como estruturado como uma linguagem. Na linguagem do inconsciente há um cifrado que diferencia o efeito de significado e produção de gozo. A linguagem, advinda de *alíngua*, não se dirige a alguém, nesse discurso o inconsciente dá passo ao gozo sobre o sentido.

E o que podemos observar na análise quando operamos sob o ensino de Lacan? O nosso alcance do gozo é pelo passe do sentido permeável pela escrita a sua ambiguidade, à surpresa pelo equívoco. No ponto em que não haja essa consequência, em que *gratia argumentandi* impere, o campo lacaniano se fecha e, na impossibilidade do equívoco, segue a insensibilidade do sintoma à psicanálise.

O analisante fala, e ao falar o discurso do Outro, na fala do analisante, toma a palavra, numa estrutura de discurso dissociada do gozo, cujo alcance depende da interpretação, da leitura dessa fala: o que não cessa de se escrever, do jogo dessas palavras, sustentado por *alíngua*, essa singular preservação de uma outra, se oferece pela escrita à leitura. E quanto a sua queixa, sua demanda, seu sintoma?

Então o sintoma carta? O sintoma letra? Se a interpretação supõe uma escritura onde não se lê o que a palavra ali diz, a letra assimilada ao gozo inviabiliza a interpretação, senão pela suplementação da palavra que ao reintroduzir o efeito de significado desassimila o gozo.

É pela contingência que o que cessa de não se escrever, ou o que não cessa de não se escrever, escapa e ao que corresponde em todo discurso: uma escapada que atesta o real. Lacan (1973, p.556) questiona: O que não se pode escrever do trabalho do inconsciente”?

E estamos na função da fala e da linguagem no campo lacaniano, função que é para permitir a cifragem, “O que constitui o sentido pelo qual a linguística constitui seu objeto, isolando-o - com o nome de significante.” (Lacan, 1973, p. 556)

Alguma coisa então podemos dizer, através dos cuidados que Lacan tomou do conto de Poe, dos elementos das citações dos trechos elegidos

acima com o que Lacan escreveu na abertura: da forma invertida, do sujeito e do pequeno *a*.

Da paródia que Lacan faz da novela de Poe, podemos apreender que o sujeito ao qual se refere é o ministro, ele recebe a mensagem de forma invertida, ao desvelar-se sua fraude, pelo desvio da mensagem já lida e compreendida. A carta esgota sua função de significante, isso não foi subtraído da rainha, e sim a função de letra, pois indissociável do gozo, transforma a carta em objeto de gozo, objeto *a*. Da manutenção desse desvio da carta, a consequente repetição de sua sobre-determinação à rainha que fica em espera (sofrente). A revolução do significante que se deixa seu lugar é para retornar de onde saiu.

Podemos pensar no analisante enquanto historiza sua vida, e recebe e ou demanda do lugar da rainha. E que lugar é esse, senão o de uma sobre-determinação por um significante, diante desse rei que nada vê, sob ameaça por essa perda de posse da carta, pela fraude do sujeito aí representado pelo ministro, que no uso desse desvio coloca a rainha na repetição de atender seus pleitos sob ameaça de revelação. A polícia preservando sua imagem e seus métodos, nada vê, atende a demanda da rainha, uma terceirização fracassada. Qual o efeito em recuperar a carta desse desvio?

O trabalho da análise é devolver a mensagem de forma invertida? Para isso o sujeito deve advir, ser descoberto no modo de gozo (a mensagem na forma invertida), raiz da repetição a que estava condenada a rainha. Para trazer a descoberto o que é para esconder, opera o inspetor Dupin, se apodera da carta e apodera o ministro da letra. Esse último que recebe a mensagem de forma invertida, esse significante puro, agora letra, que é a carta, não leva mais a mensagem ao Outro, encontra seu verdadeiro destinatário, o sujeito! E com um novo significante:

...um destino tão funesto, se não é digno de Atreu, é digno de Tiestes.

Lacan escreve: “Tal é a resposta do significante para além de todas as significações.” E continua:

Acreditas agir quando te agito ao sabor dos laços com que ato teus desejos. Assim, esses crescem como forças e se multiplicam em objetos que te reconduzem ao despedaçamento de tua infância dilacerada. Pois bem, é isso que será teu festim até o retorno do convidado de pedra que serei para ti, posto que me evocas. (LACAN, 1998, p. 45).

Lacan também nessa introdução, como já citado acima, renova a importância de trazer esse seu cuidado no uso da *Carta Roubada*, cada personagem e seu lugar nessa metáfora que contempla inclusive o lugar de analista como o de Dupin:

No que nosso Dupin se mostra igual, em seu sucesso, ao do psicanalista, cujo ato somente por uma inesperada inabilidade do outro ele pode vir a portar. Comumente, sua mensagem é o único resto efetivo de seu tratamento, devendo, tanto quanto a de Dupin, permanecer não revelada, embora, com ela o assunto seja encerrado. (LACAN, 1969, p. 384).

Retomemos agora como introduziu sua obra à edição alemã no fio condutor da palavra sentido favorecida por uma leitura polissêmica, como adjetivo, afeto da experiência do analisando; como substantivo: relativo às sensações; ainda, exigência de compreender, significação para passar ao juízo de atributos, rechaço e desclassificação do sem sentido. A indiferenciação entre o sem sentido, do sonho por exemplo; e a ausência de sentido, isso não faz sentido para mim; levando em ambos os casos no dia a dia ao mesmo destino da desclassificação. Mais o indicativo na direção de uma orientação de ordem, como no avesso (“sens dessus dessous”). O sentido: como é abordado na análise?

Essa introdução inicia tendo-se levantado a questão do sentido do sentido, que Lacan para conceitualiza a partir do tonel das Danaides. O sentido sob o significante está sempre a escapar desse tonel representante do gozo, do gozo do sentido, *jouis-sens*, e quanto mais sentido se põe, tanto mais escapa desse tonel que o deveria conter. Há aí um vazio da água que escapa! Que a experiência da análise revele o sentido dos sintomas ao analisante, sem que se constitua uma somatória, é o que leva Lacan ao dito:

[...] numa análise, tudo deve ser recolhido, — onde se vê que o analista não pode lavar as mãos — recolhido como se nada estivesse estabelecido fora dela. Isso não quer dizer outra coisa senão que o escape do tonel deve ser reaberto.” (LACAN, 1973, p. 554).

E segue mais adiante:

É disso que resulta só haver comunicação na análise por uma via que transcende o sentido, aquela que provém da suposição de um sujeito no saber inconsciente, ou seja, na cifragem. Foi o que articulei sobre o sujeito suposto saber. (LACAN, 1973, p. 555).

Que como analisantes tenhamos-nos que nos haver com o nosso sujeito ministro, com nossa rainha dominada por uma ameaça, à mercê de um rei, e, de um Dupin, para nos dar conta da roubada...

Que como uma obediente Danaide passemos por esse vazio do sentido do sentido até que a carta cumpra seu destino, só a análise como experiência pode alcançar a sujeição a esse traçado de evidente engodo, pois, e volto a citar, afinal Lacan escreve:

No que nosso Dupin se mostra igual, em seu sucesso, ao do psicanalista, cujo ato somente por uma inesperada inabilidade do outro ele pode vir a portar. Comumente, sua mensagem é o único resto efetivo de seu tratamento, devendo, tanto quanto a de Dupin, permanecer não revelada, embora, com ela o assunto seja encerrado.” (LACAN, 2003, p. 384).

Na análise se trata dessa experiência estilo Dupin, que da inesperada inabilidade do outro recupera o equívoco, e no passe do sentido se dá a reabertura do tonel, no que lhe escapa, até o limite do sentido do sentido.

Referências Bibliográficas:

Poe, E. (1844). *A Carta Roubada*. In: *Histórias Extraordinárias*. São Paulo: Ed. Abril, 1978.

LACAN, J. (1932). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade; seguido de: Primeiros escritos sobre a paranoia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária LTDA, 2a. ed, 2011.

_____. (1966). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. (1969). *Prefácio à edição dos Escritos em livro de bolso*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 383-388.

_____. *Ato de Fundação*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 235-247.

_____. (1973). *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 550-556.

_____. *O seminário sobre “A carta roubada”*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.45.

_____. *Seminário 21, Les non-dupes errent*. Inédito (1973-1974).

_____. (1975-1976). *O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. (2001). *Joyce, o Sintoma*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 560-566.

PSICANÁLISE LACANIANA: UMA ENTRE OUTRAS?

Regina C.C.P. Moran

A psicanálise, em seu estudo e na formação de analistas, não admite atalhos. Tampouco a maioria das formações de profissionais que exigem um percurso mais longo e sofre com a prática de cortar caminho. Há uma demanda de rapidez e facilidade na consecução de qualquer objetivo, numa postura informatizada que busca ícones de itinerários mais rápidos. Nesse cenário respondem várias escolas na instalação de cursos de psicanálise preenchendo o quesito também à *diplomafilia* na autorização carimbada do exercício profissional. Isso que está arraigado em nossa cultura: da sequência bacharelado, especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado e, quando é o caso da carreira acadêmica, as demais etapas concursáveis.

A formação do analista pelo tripé estudo continuado, análise pessoal e supervisão, adicionada à clínica, é um processo a ser atravessado e ter sua continuidade na Escola, pelo trabalho de transmissão e conversação clínica. Uma formação se beneficia ao partir da análise pessoal e, via de regra, pressupõe uma formação prévia formal em outra área mais ou menos afim. Esse sujeito que aprendeu a aprender pode afastar-se da experiência de aquisição de conhecimento para a experiência de construção de um saber. O substrato para o estudo da psicanálise é além do princípio da diplomação sob um discurso universitário, esse mais adiante exige, no entanto, esse precedente, que para ser negado precisa antes ser afirmado.

Uma empresa ao ter por objetivo o ensino da psicanálise por pessoas sem formação de analistas e um público sem experiência da análise pessoal está produzindo que tipo de profissional? Supondo que os interessados nesses cursos tenham em vista uma práxis, qual será ela? Já é tempo de reconhecer que o ensino da psicanálise traz subjacente que haja uma, mas será que é assim? Aqui nos referimos ao ensino da psicanálise lacaniana e à formação do analista lacaniano.

De que lugar fala o professor e de que lugar escuta o aluno nesse arranjo de um discurso em que um detém o conhecimento e o outro o absorve como verdade intelectual, ampliando sua eventual cultura geral?

Do ensino de Lacan destinado à formação de analistas deriva uma teoria e uma prática da psicanálise a partir de Freud, diferenciada de outras e em oposição a algumas, como o emprego da herança freudiana na Psicologia do Ego e seus caminhos como, por exemplo, o da Terapia Cognitiva Comportamental. Assim podemos entender que a psicologia e a psicanálise são campos de culturas diferentes.

O campo lacaniano foi de uma produção extensa e intensa na sua descoberta incessante de aproximações teóricas diversas apoiadas em teorias já consagradas, bem como nas de ponta da época em que Lacan viveu, como documentam seus seminários, sua obra escrita, os Escritos e os Outros Escritos, além de numerosos textos de suas palestras e participações em encontros.

Sua obra chega a subverter a psicanálise através de seu original suporte na linguística (Saussure e Jakobson), na filosofia (Hegel, Heidegger, Wittgenstein), sempre na companhia dos pré-socráticos e de Descartes, na matemática. Os conceitos transformados para operar numa transmissão mais precisa da psicanálise, com vistas à clínica, resultaram em seus matemas, grafos, esquemas, aplicações da teoria de conjuntos e números, o emprego da topologia de forma mais geral e em particular com os nós. Sua erudição literária perpassa seus textos cuja aplicação de obras clássicas e da época, quase sempre nos levam a buscar, em notas de rodapé, por autores que acolhem nossas dificuldades apesar da francofonia, a origem das citações que Lacan, por supor familiaridade, dispensava referências.

O original incontestável de sua contribuição está intermediado por essa interlocução com outros campos, nos dando sempre algum fio de Ariadne para percorrer o labirinto de seu ensino, para que possamos de o amor à psicanálise vencer os impasses de uma clínica.

Mas esse caminho muito longe de ser suave, foi acidentado com as marcas da falta de reconhecimento, e, ali onde o fracasso despontou,

Lacan o transformou em catalizador da transferência de trabalho. O capítulo V dos Outros Escritos é fonte primária destes eventos no percurso da psicanálise que hoje podemos nomear lacaniana. Esteve e está em jogo a existência da psicanálise e da formação do analista tal como a escola lacaniana a concebe. Mesmo faltando em fazer jus ao conteúdo que esclarece o entendimento da escola e da formação sob a proposta de Lacan, essa citação que passo em seguida, é tão atual como o foi em 1971 no *Ato de fundação* quando Lacan explicita sua intenção na fundação da Escola Francesa de Psicanálise:

Esse título em minha intenção representa o organismo em que deve realizar um trabalho — que, no campo aberto por Freud, *restaure o sulco cortante de sua verdade*(em *itálico tradução minha*) — que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo — que, por uma crítica assídua, denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso ao degradar seu emprego. Lacan, J. *Outros Escritos. Ato de Fundação*, (p. 235-247). -Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

É essa chamada ao não conformismo, e, como uma forma de quebrar o silêncio, que em que pese a falta de otimismo, e a dificuldade a enfrentar na tarefa da leitura dos escritos como efeito desse ensino, ou seja, ocupando o lugar de analisante saber manter-se num discurso muito específico: esse que leve da leitura da escrita de Lacan à produção singular do sujeito em divisão. Essa escrita que responde à falta e ao desejo de um saber para além do conhecimento.

Em seu retorno a Freud, a obra de Lacan traz avanços e subversões na descoberta freudiana do inconsciente.

Seu texto de abertura dessa obra nos suprirá de elementos de um leitor advertido pelo próprio autor.

Seu caminho será seguido e trará uma continuidade à semeadura dessa obra fértil, por tantos quantos a tocam, na fala, na escrita, e principalmente na clínica. Destaco o incessante retorno à Lacan por Miller, J.A., que dá continuidade em seminários e livros, cuja extensão

me eximo de citar, intermediando a difícil leitura e justa compreensão da teoria que abarca o ensino de Lacan.

O trabalho da análise é que o sujeito advenha, seja descoberto no modo de gozo: esse da repetição alienada. Essa, em geral, manifestada de forma insistente e robusta. Apresentando como consequência o analisando como assujeitado ao desejo enigmático, que não reconhece como seu, nas manifestações de sintoma, angústia ou inibição. Nesse trabalho da dialética significante, da alienação -separação, opera o analista na sua escuta de um lugar que ocupa a partir de sua formação. E, se for lacaniana, passa pelo manejo dos discursos, dos nós que operam do reconhecimento de uma estrutura psíquica, à possibilidade do aproveitamento do singular de cada caso nas formações do inconsciente, na dimensão sincrônica da fala em aporia com a linguagem. Depondo esse ego que, na função autoritária de desconhecer, submete o sujeito que fala a não enfrentar a verdade: a escuta do plano mais simbólico da denegação.

E o que podemos observar na análise quando operamos sob o ensino de Lacan? O nosso alcance do gozo, a contingência da recepção da mensagem de forma invertida é pelo passe do sentido, permeável pela escrita a sua ambiguidade, à surpresa pelo equívoco. No ponto em que não haja essa consequência, em que *gratia argumentandi* impere, o campo lacaniano se fecha e, na impossibilidade do equívoco, segue a insensibilidade do sintoma à psicanálise.

Referências Bibliográficas:

Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966-1998.

_____. Ato de Fundação. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971-2003. p. 235-247.

ASSOCIAÇÃO CAMPINENSE DE PSICANÁLISE

DIRETORIA

Presidente: Lucia B. Bertazzoli

Vice-Presidente: Simone T. Camargo

Secretária: Regina Steffen

Vice-Secretária: Walkiria H. Grant

Tesoureira: Alessandra T. Carieri

Vice-Tesourteiro: Terrence E. Hill

COMISSÕES

Comissão de Acolhimento

Regina Steffen

Walkiria Grant

Regina Moran

Comissão de Biblioteca

Eliane Ap. Canella

Fabiola C. Biasi

Comissão de Divulgação

Lucia B. Bertazzoli

Regina Steffen

Simone T. Camargo

Comissão de Ensino

Lucia B. Bertazzoli

Regina Steffen

Simone T. Camargo



**Associação
Campinense
de Psicanálise**

EXPEDIENTE

aCarta Informativo da ACP - Associação Campinense de Psicanálise

Rua 14 de Dezembro, 399 – Cambuí, Campinas/SP. CEP: 13.015-130

Telefone: (19) 3232.4278 ou WhatsApp: (19) 99452.6951

E-mail: acp@acpsicanalise.org.br

Site: www.acpsicanalise.org.br

www.facebook.com/AssociacaoCampinenseDePsicanalise

www.instagram.com/acpsicanalise